



**DOCUMENTO
DE ESPIRITUALIDADE**

—

**Congregação das Irmãs
de Santa Doroteia da Frassinetti**

2ª edição

•
2016

Enraizados na ESPIRITUALIDADE de Paula Frassinetti e decididos a viver a PROFECIA da nossa vocação cristã, assumimos, como Congregação, o risco de JUSTIÇA do REINO, em nossa MISSÃO EDUCATIVA, para sermos JUNTAMENTE COM OUTROS, presença - palavra - ação TRANSFORMADORA e SIGNIFICATIVA, no mundo ferido de hoje.

(Capítulo Geral XIX – Roma, 2003)



SUMÁRIO

●	6	Introdução		
		—		
●	8	Capítulo 1	●	56
		O que entendemos por espiritualidade		Capítulo 4
				Um modo relacionar-se: amar como Jesus nos ensinou e amou
	10	Com a Igreja...		
	10	I As origens		58
	12	II Hoje		68
		—		I As origens – Um modo de relacionar-se...
				II Hoje – Um modo de relacionar-se...
				—
●	14	Capítulo 2	●	80
		Experiência de Deus em Jesus Cristo		Capítulo 5
				Um modo de agir: não ter outro fim senão a maior glória de Deus e o maior bem das almas
	16	I As origens – Experiência de Deus...		
	17	II Hoje – Experiência de Deus...		82
	24	I As origens – ...em Jesus Cristo		95
	30	II Hoje – ... em Jesus Cristo		I As origens – Um modo de agir...
		—		II Hoje – Um modo de agir...
				—
●	40	Capítulo 3	●	110
		Um modo de ver: «o modo de ver de Deus»		Siglas
				—
	42	I As origens – O modo de ver...		
	48	II Hoje – O modo de ver...	●	112
				Dados Catalográficos

INTRODUÇÃO

1 • Importância deste novo documento da Congregação

O nosso mundo, sumamente preocupado com interesses econômicos e financeiros que proporcionam poder e bem-estar material, mas não dão a felicidade, sofre de uma forte sede. A sede de espiritualidade que dê sentido à vida. Propagam-se, assim, as diversas formas de espiritualidade de tipo oriental, ao mesmo tempo em que proliferam múltiplas e variadas propostas, desde as inumeráveis seitas, sempre a surgir, a movimentos que se difundem tanto mais rapidamente, quanto mais elementos de esoterismo e ocultismo os integram. É o caso, por exemplo, da *New Age* que, inclusive, tornou-se objeto da pontificia, em um documento recente.

Neste mundo materialista, interessa, sempre mais, o *«mistério que toca a vida»*, assim como a espiritualidade que dele deriva e que, por sua vez, o alimenta. A Igreja está consciente dessa sede de espiritualidade, como expressa em seus últimos documentos:

«Apesar dos amplos processos de secularização, adverte-se como se difunde a exigência de espiritualidade, que, muitas vezes, manifesta-se em uma renovada necessidade de oração».

(PdC 8,3; cfr. NMI 33).

E pede à Vida Religiosa:

«que cada Instituto e cada comunidade se apresentem como escolas de verdadeira espiritualidade evangélica».

(VC 93,6).

Também a Congregação vem sentindo, fortemente, a necessidade de revitalizar-se na seiva da própria espiritualidade, a partir de suas raízes, e de expressá-la em um documento que sirva de alimento e guia, tanto para os seus membros quanto para outras pessoas que se sentem chamadas a beber dessa fonte.

2 • Natureza do documento

Este documento, fruto do caminho de reflexão e empenho de todas as Irmãs, vivido a partir do Processo «APROFUNDAR AS NOSSAS RAÍZES», quer ser um instrumento que nos ajude a *«reapropriar-nos da força do Carisma»*, isto é, dos traços dominantes da graça recebida por Paula, que devem nos identificar, e que devemos expressar com novo entusiasmo e audácia, em formas novas de vida/missão.

Não é, portanto, um tratado de espiritualidade; é um documento teórico-prático para ser usado, na esfera pessoal, comunitária ou de grupo, como iluminação, ponto de referência e estímulo para a vida cotidiana.

Nesta edição, cada Capítulo consta de duas partes:

- I – AS ORIGENS;
- II – HOJE.

CAPÍTULO 1

—

O QUE ENTENDEMOS POR ESPIRITUALIDADE



Com a Igreja, entendemos por espiritualidade a vida segundo o Espírito:

«...espiritualidade entendida no sentido mais forte do termo, ou seja, a vida segundo o Espírito».

(PdC 20, 3).

Espiritualidade que expressa o caminho espiritual de Paula na Igreja, segundo o Evangelho, e que definimos como:

UM MODO DE VER, DE RELACIONAR-SE E DE AGIR,
FRUTO DE UMA OPÇÃO,
QUE NASCE E SE ALIMENTA, CONTINUAMENTE,
DE UMA PROFUNDA EXPERIÊNCIA DE DEUS
EM JESUS CRISTO,
PESSOAL E COMUNITÁRIA,
QUE NOS IDENTIFICA, NA IGREJA,
COMO FILHAS DE PAULA,
E NOS UNIFICA COMO FAMÍLIA DOROTEIA,
PARA SER UMA VOZ PROFÉTICA, NO NOSSO MUNDO.

Afirmamos que a experiência de Deus em Jesus Cristo é o fundamento permanente da espiritualidade de Paula e da Congregação. Dessa experiência, brotam, continuamente, a opção e a eleição de um modo próprio de ver, de relacionar-se e de agir, que constitui a espiritualidade. Espiritualidade que alimenta a vida/missão, assegura e fortalece o corpo comunitário.

I • AS ORIGENS

A espiritualidade que Paula nos legou integra a corrente da Espiritualidade Inaciana e possui, como fundamento, uma profunda experiência de Deus em Jesus Cristo.

Espiritualidade não tanto como doutrina, mas como experiência pessoal, vivida como caminho espiritual fortemente marcado, até os primeiros tempos da Fundação, pela «escola» de seu irmão José, teólogo e moralista muito conceituado em seu tempo.

«...desde criança, com os seus ótimos exemplos, com os seus conselhos, e, depois, com a sua doutrina, contribuiu, não pouco, para a santidade de vida da sua digna irmã, quer entre as paredes da casa paterna, quer no Presbitério de Quinto, quer, finalmente, na árdua tarefa da fundação do Instituto».

(Mem. ME Vassallo, pág 50).

A título de exemplo, recordemos que a nascente Comunidade de Quinto intercalava o trabalho manual com a leitura do livrinho *Pias considerações e canções espirituais*, propositadamente escrito pelo Padre José Frassinetti, e que constava de considerações sobre o amor de Deus; *considerações sobre o Paraíso*; *considerações sobre a paixão do Senhor*. Com base nessa «escola», Paula encontra-se com a **Espiritualidade Inaciana**, por intermédio de seus sucessivos confesores e conselheiros Jesuítas. Assume, pois, os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, como escola de formação e de crescimento espiritual, e toma as Regras das Damas do Sagrado Coração, que são as dos Jesuítas, como base para as Regras do Instituto, adaptando-as ela mesma.

No ano de 1839, «na casa Montagnola dei Servi, as nossas Irmãs começaram, com muito proveito, a receber direção espiritual dos Padres da Companhia de Jesus». (Mem. Pág. 44). O Padre Benetelli foi o seu primeiro confessor Jesuíta (cfr. Mem. pág 44).

«Mas o religioso que mais ajudou a nossa Madre Fundadora foi o Padre Firmino Costa e tendo apreendido, muito bem, a intenção da Madre Frassinetti, ao dar vida ao novo Instituto, começou a dirigir, com grande interesse,

a jovem Fundadora; deu-lhe sempre prudentes conselhos e ajudou-a, admiravelmente, na formação religiosa das Irmãs. Foi ele o primeiro a dar-nos um turno de Exercícios Espirituais, segundo o método de Santo Inácio, e deu ao nosso Instituto a verdadeira forma das Instituições religiosas».

(Mem. Pág. 45).

«...obtive de um Jesuíta, por pouco tempo, as Regras das Damas do Sagrado Coração [que são exatamente as dos Jesuítas] e estou a adaptá-las ao nosso Instituto».

(C 11,5; cfr. C 12,2).

À medida que assumia a Espiritualidade Inaciana, Paula imprimia-lhe seu cunho pessoal, sob a ação do Espírito Santo e das circunstâncias concretas de sua vida, forjando, assim, a sua síntese vital.

II • HOJE

Entrar profundamente, na espiritualidade de Paula Frassinetti, e descobri-la, a partir de sua forte experiência de Deus em Jesus Cristo, é algo que entusiasmo e convida a

- contemplá-la, com um olhar agradecido, deixando-nos, de novo, atrair pelo ideal que, em um dia concreto de nossa vida, fomos chamadas a seguir;
- colocar, sempre mais, à disposição de quem a desejar, a riqueza espiritual que nos foi legada.

Este duplo convite torna-se chamamento a viver em «fidelidade criativa» (VC 37), para encarnar, no hoje da História, o que Paula e suas

primeiras companheiras viveram em seu tempo. Só assim, o Carisma com que o Espírito a enriqueceu e enriqueceu a Igreja continuará a ser profecia para o nosso mundo. Um mundo fortemente condicionado pela globalização econômica, mecanismo universal, sem coração que faz, do mercado, senhor absoluto e, da concorrência, a lei fundamental, além de promover uma radical desigualdade entre «os melhores», os que conseguem fazer parte dele, e a imensa multidão dos «excluídos».

Essa realidade origina e alimenta, continuamente, um modo de nela se situar em que se destacam, como condicionantes, algumas atitudes:

- o consumismo, o «bem-estar material», como horizonte de uma existência “feliz” e que conduz ao vazio humano, à injustiça clamorosa, cada vez mais generalizada, e à destruição da Terra;
- o individualismo e a autossuficiência que levam a pessoa a centrar-se em si mesma e a prescindir de Deus e dos outros;
- a violência crescente, expressão da agressividade interior; fruto, em grande parte, de uma profunda insatisfação;
- o predomínio da mentalidade masculina, haja vista continuarem, nas mãos de homens, os principais órgãos de decisão e de poder.

Neste mundo, está «Deus presente e ativo» (Const. 1); Deus, que continua a ser Providência, Deus bom e próximo, que ama e quer a vida, Deus Trindade-Comunhão que possui um desígnio de Amor para a Humanidade - «que todos sejam um» -; Pai, revelado em Jesus Cristo e que n’Ele se compromete e intervém na História, para nos conduzir à vida... Neste mundo, somos chamadas a colaborar com a ação de Deus, reexpressando a espiritualidade que Paula nos legou.

CAPÍTULO 2

EXPERIÊNCIA DE DEUS EM JESUS CRISTO



I • AS ORIGENS

Experiência de Deus...

A primeira e fundamental característica da espiritualidade de nossa Fundadora é a sua atitude perante Deus. Deus é, para Paula, a Divina Providência que dispõe tudo para o nosso maior bem. Com esta afirmação, iniciam-se as Constituições que ela nos legou:

«Deus, cuja providência ordena todas as coisas com admirável sabedoria e tudo dispõe para o bem da sua Igreja».

(Const. 1851, 1).

A alusão à Divina Providência aparece muitas vezes, em seu rico Epistolário. Mas não se trata de uma Providência que atua à distância, de um longínquo céu. O chamamento a permanecer *«tranquilas nos braços da Divina Providência»* é uma expressão frequente em Paula, para quem Deus é também Pai, Misericórdia, «nosso bom Deus»:

«...como é bom o nosso bom Deus! Procuremos aumentar, sempre, a nossa confiança n'Ele, e veremos verdadeiras maravilhas da sua Divina Providência!»

(C 566,4).

«Deus vê as nossas necessidades e é nosso Pai, e isso basta».

(C 324,2).

«Abandone-se, portanto, nos braços da Divina Misericórdia e, como uma criancinha que dorme nos braços da sua mãe, não pense mais em si».

(C 536,5).

Paula vive, permanentemente e com transparente simplicidade, em união com este Deus, não só nos momentos de oração, mas tam-

bém nas pequenas situações cotidianas e nos grandes acontecimentos da história confusa e conturbada da Itália, no século XIX. É essa atitude de fundo, essa permanente união com Deus que unifica toda a sua vida e possibilita a Paula expandir o horizonte de compreensão do mistério humano. União com Deus que pede e aconselha, também, às suas Filhas:

«...tenha coragem, Deus a ajudará, mas esteja muito unida a Ele. Reze muito: quanto mais sobrecarregada se encontrar pelas ocupações, tanto mais frequentemente eleve o seu coração a Deus, de Quem lhe virá toda a luz, toda a graça, todo o auxílio».

(C 324,3).

A centralização de Deus, em sua vida, é manifestada, por Paula, em sua busca apaixonada, com todo o ser, da Vontade de Deus.

«...Única pérola que procuramos», «bússola» que orienta a vida, «alimento cotidiano», «nosso paraíso»,

são expressões que a caracterizam, que brotam de seu ser mais profundo, pois são vividas antes de ser pronunciadas e apresentam, como finalidade,

«a Sua maior glória e o proveito do próximo», «meta de todas as nossas obras, palavras e aspirações».

II • HOJE

Experiência de Deus...

O primeiro passo, para viver a experiência de Deus e transmiti-Lo à nossa Humanidade, é aceitá-la e amá-la tal como é. Como parte in-

tegrante dessa Humanidade, somos chamadas a viver a nossa relação com Deus na fé, acolhida como graça. A atitude de condenarmos o mundo, julgando-nos isentos e sem nos implicarmos, é, no mínimo, estéril. Devemos reconhecer, entretanto, que, com o que poderíamos chamar «a doença» atual de nosso mundo, existe, também a vida; e, sobretudo, temos de acreditar profundamente que é esse, e não outro, o mundo em que o Senhor está presente, que ama e salva.

«Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único. Não enviou o Seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele».

(Jo 3,16-17).

«A vocação das pessoas consagradas continua a ser a de Jesus, e, como Ele, assumem elas, sobre si, a dor e o pecado do mundo, consumando-os no amor».

(PdC 27).

«No mundo atual, torna-se urgente um testemunho profético baseado na ‘afirmação da primazia de Deus e dos bens futuros’».

(PdC 8).

«conviver com uma sociedade em que reina frequentemente uma cultura de morte pode tornar-se um desafio a ser, com mais força, testemunhas, portadores e servos da vida».

(PdC 13).

O Amor de Deus precede-nos; viver em seu Amor é graça que somos chamadas a acolher, «com gratidão e humildade», como dom precioso que nos é concedido e que cria um dinamismo de fidelidade.

(cfr. Const. 14). Desse modo, «inteiramente possuídas pelo Amor de Deus», podemos entrar nesse imenso Amor com que Ele ama o mundo e aprender «a dá-Lo a conhecer e amar».

«Vós me seduzistes, Senhor, e eu me deixei seduzir».

(Jr 20,7).

«...amor derramado nos nossos corações, pelo Espírito Santo (Rom 5,5), que estimula uma resposta de amor total a Deus e aos irmãos».

(VC 21).

«Respondendo a este apelo acompanhado de uma atração interior, a pessoa chamada entrega-se ao amor de Deus. A experiência desse amor gratuito de Deus é tão íntima e forte que a pessoa sente que deve responder com a dedicação incondicional da sua vida, consagrando tudo, presente e futuro, nas suas mãos».

(VC 17).

«Somente a consciência de ser objeto de um amor infinito pode ajudar a superar toda e qualquer dificuldade pessoal e do Instituto. As pessoas consagradas não poderão ser criativas se não se sentirem animadas por este amor. É este amor que as torna fortes e corajosas, que lhes infunde audácia e ousadia».

(PdC 22).

«A nossa decisão de seguir Jesus Cristo é uma contínua resposta de fé ao amor gratuito de Deus, em ordem à radical disponibilidade».

(Const. 11).

«Educar, para nós, significa deixar-nos possuir pela pedagogia do Evangelho que leva o homem a descobrir que é amado por Deus, a acreditar nesse amor e a crescer, como pessoa, até a plenitude da maturidade em Cristo».

(Const. 26).

Mostrar ao mundo esse Deus Amor compromete toda a nossa vida em caminhos de Amor e Bondade, de Paz e Justiça, de Beleza e Verdade.

«Eis o Meu servo a quem Eu amparo, o Meu eleito, no qual a Minha alma põe a sua complacência; fiz repousar sobre ele o Meu espírito, para que leve às nações a verdadeira justiça».

(Is 42,1).

Mas o amor gratuito e generoso alimenta-se pelo contato e familiaridade com a pessoa amada:

«Por isso, a atrairei, a conduzirei ao deserto e lhe falarei ao coração».

(Os 2,16).

«A estrutura interior de uma Doroteia exige uma generosidade sempre maior que só a familiaridade contínua com Deus pode alcançar».

(Const.7).

«Há um modo pessoal e único em que Deus se dirige a cada um, e um dom particular que foi dado a cada um para o bem de todos».

(J. M. Guerrero. Sal Terrae, abril 2003).

Viver em «familiaridade contínua com Deus», como Paula, significa gratuidade e fidelidade de amor aos tempos de oração, pessoal e comunitária, e à descoberta da presença ativa de Deus no cotidiano. Significa uma profunda e permanente abertura e disponibilidade de coração. Colocarmo-nos «nas mãos de Deus» e deixá-Lo fazer de nós o que quiser. Mas essa experiência não é possível quando ocupamos, sutilmente, o seu lugar, supondo o que Deus quereria, faria ou nos pediria. Ao proceder dessa forma, não O deixamos querer, fazer ou pedir, nem nos deixamos conduzir, efetivamente, por Ele. Se não entramos em um processo de sairmos de nós mesmas e de nos colocarmos, verdadeiramente, à escuta, a experiência de «buscar e encontrar Deus em todas as coisas» converte-se na experiência de se buscar e de se encontrar a si mesma em todas as coisas. (*ibidem*).

«O Senhor Deus deu-me língua de discípulo para que eu saiba reconfortar, pela palavra, o que está abatido. Cada manhã, Ele desperta os meus ouvidos para que eu O escute como discípulo».

(Is 50,4).

«...o carisma de cada Instituto impelirá a pessoa consagrada a ser toda de Deus, a falar com Deus ou de Deus, para saborear como o Senhor é bom em todas as situações».

(VC 36).

«Uma autêntica vida espiritual requer que todos dediquem, regularmente, todos os dias, momentos apropriados para aprofundar o colóquio silencioso com Aquele que sabem que os ama, a fim de partilhar com Ele a própria vida e receber luz para continuar o caminho diário».

(PdC 25).

«Na oração, verifica-se aquele diálogo com Cristo que nos torna seus íntimos: «Permaneçei em mim e eu em vós» (Jo 15,4). Realizada em nós, pelo Espírito Santo, abre-nos, por intermédio de Cristo e em Cristo, à contemplação do rosto do Pai».

(NMI 32).

«A Palavra de Deus é a primeira fonte de toda a vida espiritual cristã. Ela sustenta um relacionamento pessoal com o Deus vivo e com a Sua vontade salvífica e santificadora».

(VC 94).

«A necessidade e a importância fundamental da oração nascem da nossa participação pelo Espírito no mistério de Jesus Cristo que vive, em íntima comunicação com o Pai, o seu imenso Amor pelos homens».

(Const. 35).

«A assimilação progressiva do espírito dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio forma-nos em uma oração que leva à unidade de vida e nos ensina a amar a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus. Os tempos fortes de oração, pessoal e comunitária, são imprescindíveis para fazer esse caminho».

(Const. 37).

«O encontro com Deus é resposta pessoal e gratuita ao dinamismo do Espírito que reza em nós».

(Const. 38).

A fidelidade de amor e a familiaridade com a pessoa amada – Deus – criam o desejo crescente de conhecer a sua vontade e um dinamismo constante para colaborar com ela. «Secundar inteiramen-

te a Divina Vontade», como Paula, em uma sociedade em que o indivíduo ocupa o centro de tudo, é um grande desafio integrante do profetismo que hoje é chamado a viver a Vida Religiosa.

«O Meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou».

(Jo 4,34).

«Da sua [homens e mulheres de oração] convivência com a Palavra de Deus, adquiriram uma espécie de instinto sobrenatural, que lhes permitiu não se conformar com a mentalidade desse mundo, mas renovar a própria mente para poder discernir a vontade de Deus, aquilo que é bom, o que Lhe é agradável e perfeito».

(VC 94).

«...seguimos Jesus Cristo na decisão de viver, única e exclusivamente, para a Vontade do Pai, a fim de que se cumpra, no mundo, o seu Desígnio de Amor».

(Const. 21).

As múltiplas e sangrentas feridas de nosso mundo produzem, sempre mais, a sensação de impotência e uma grande dificuldade para acreditar que Deus continua «presente e ativo» nele, amando-o e recriando-o com um coração compassivo e misericordioso. Por isso, proclamar e encarnar, em nossa vida, as palavras inspiradas de Maria, em seu Canto do Magnificat, é outro forte desafio de hoje:

«A sua misericórdia estende-se de geração em geração».

(Lc 1,50).

«Conservando, sempre vivas, no coração, estas palavras inspiradas, e aplicando-as às experiências e aos sofrimentos da grande família humana, deve a Igreja de nosso

tempo tomar consciência de um modo particular e profundo da necessidade de ofertar o testemunho da misericórdia de Deus, professando-a, em primeiro lugar, como verdade salvífica de fé e necessária a uma vida coerente com a fé. Procurando, depois, introduzi-la e encarná-la na vida».

(DM, cap. VII).

É assim que, deixando-se invadir pelo Amor de Deus, vivendo em familiaridade com Ele e tendo, como primeiro desejo, conhecer e cumprir a sua vontade, brotarão atitudes de uma confiança sempre mais segura e de um profundo abandono em sua «*Divina Misericórdia*».

«...em total abandono ao Pai, não tem outra intenção nem outro desejo a não ser a realização da sua Vontade».

(Const. 6).

I • AS ORIGENS

...Em Jesus Cristo

Como é próprio da Espiritualidade Inaciana, Paula centraliza o seu incondicional amor a Deus na pessoa de Jesus Cristo, «*Verbo Eterno*» feito «*carne para nos ensinar o belo segredo do amor*» (C 272,2). O amor pessoal a Jesus Cristo, vivido em profunda intimidade, é o centro, o eixo e o motor do caminho espiritual de Paula e concretiza-se no seu mais fiel seguimento. Jesus é para Paula, Modelo a imitar sempre e o melhor possível:

«...pelo grande desejo que têm de se assemelharem, de algum modo, a Jesus Cristo, seu adorável modelo para que, com o auxílio da sua graça, esforcemo-nos por imitá-Lo,

quanto nos é possível, seguindo-O em tudo, pois Ele é o verdadeiro caminho que conduz os homens à vida».

(Const. 51, Sumário 11).

«*Verdadeiro caminho a seguir*» e, ao mesmo tempo, «*...nosso Pedagogo, Mestre e Guia*» (C 98,4) que nos orienta e nos acompanha nesse caminho:

«Não há circunstância alguma de nossa vida na qual não vejamos o nosso bom Jesus que vai adiante, ensinando-nos não só o caminho, mas também a maneira de percorrê-lo, sustentando-nos, ainda, nos passos mais difíceis».

(C. 262, 6).

«*Nosso querido Esposo*» que «*nos ama tanto*». Por isso:

«Com Ele rezemos, com Ele nos cansemos, comamos, repousemos, falemos, pensemos; em suma, façamos tudo em companhia de Jesus».

(C 301,5).

O amor pessoal de Paula a Jesus é vivido em profunda intimidade e selado em aliança:

«...o meu Jesus Cristo sabe que comigo não se engana: fizemos os nossos pactos há muitos anos, e, por isso, pode fazer o que quiser de mim e das coisas que me pertencem, que tem sempre o meu consentimento».

(C 620,4).

Amor que se concretiza no seguimento de Jesus, na totalidade do seu Mistério: desde a Encarnação e Nascimento, que contempla com

particular ternura, passando pela entrega incondicional de amor ao «*Coração Santíssimo de Jesus*», até a sua Cruz Gloriosa, prova máxima de Amor, à qual Paula oferta a sua adesão total de coração.

«Desejaria que o Santo Presépio e o Monte Calvário fossem duas escolas por vós frequentadas, onde aprendêsseis as preciosas lições que a todos dá o Coração Santíssimo de Jesus».

(C 665,3).

«No Coração Dulcíssimo do nosso amado Esposo Jesus Cristo, encontra-se tudo aquilo de que temos necessidade: fortaleza para as fracas, coragem para as tímidas, luz e conselho para as hesitantes e temerosas; e, para todas, humildade, caridade, paz, alegria e tudo o mais. Portanto, minhas boas filhas, ide sempre àquele Coração Santíssimo, e é naquele Coração que eu vou com muita frequência procurar-vos; por caridade, fizeti com que sempre aí vos encontre a todas».

(C 665, 2).

«Pedirei ao seu Esposo Jesus que a estreite cada vez mais à sua Cruz e que a faça morrer nela por seu amor, como Ele nela morreu por amor a si».

(C 552,6).

«...subamos, com Jesus, ao Calvário e, quando estivermos mortas com Ele, ressuscitaremos gloriosas. Oh, que bela será essa Páscoa!».

(C 450,4).

E assim, com Ele e como Ele, Paula deseja somente realizar, com total amor, a Vontade do Pai. Maria, intimamente unida ao Misté-

rio do seu Filho, foi, para Paula, desde o primeiro momento da sua existência e até o final da vida, a presença materna que sempre a acompanhou:

«A boa mãe teve o cuidado de a consagrar a Maria no Santuário chamado da Madonnetta, como também fez com os seus outros filhos».

(Mem. pág. 9).

«Paula, não tendo ainda completado 9 anos, perdeu a mãe. Sentiu profundamente tão dolorosa perda; porém resignou-se, completamente, à vontade santa de Deus. Depois, lançando-se aos pés de Maria, que já amava com o mais terno amor, pediu-lhe que quisesse fazer de mãe para ela e para os irmãos».

(Mem. pp. 11- 12).

«Recebeu a Santa Unção com grande piedade. Fixando o olhar em uma imagem de Maria Santíssima que tinha sempre no quarto, disse com amor: «Senhora minha, lembrai-vos de que sou vossa filha!».

(Mem. pág. 512).

Com frequência, recomendava às suas Filhas essa mesma devoção, unindo Maria aos principais Mistérios da vida de Jesus:

«O terceiro meio que vos sugiro é a verdadeira devoção a Maria Santíssima, nossa querida Mãe; recorrei a Ela em todas as necessidades, estudai as suas virtudes, para as imitar, e pedi-lhe, com grande fervor, que vos prenda à Cruz do seu Jesus».

(C 224,5).

«Jesus, na sua Paixão, e a nossa querida Mãe, a Senhora das Dores, estejam, sempre, diante de nossos olhos, em nossa mente e em nosso coração».

(C 93,1).

«Os Corações Santíssimos de Jesus e de Maria sejam o vosso refúgio em todas as necessidades e a escola onde deveis aprender a prática de todas as virtudes».

(C 764,4).

Seguindo fielmente Jesus, Paula vive, com intensidade, a sua pertença à Igreja, que ama profundamente. Essa vivência recebeu-a de seus pais, que a batizaram no próprio dia em que nasceu, e, depois, descobriu-a e aprofundou-a, principalmente, nas conversas habituais com os seus irmãos seminaristas; em Quinto, ajudando o irmão Pároco, comprometida na ação pastoral da Pia Obra. Sempre manifestou um profundo *«sentido de Igreja»*, que se evidenciava em algumas circunstâncias:

Participando, ativamente, dos acontecimentos eclesiais:

«Como mostraremos a nossa gratidão e nosso reconhecimento a Deus por ter-nos feito contemplar um dia tão maravilhoso e tão belo como foi esse da Imaculada Conceição da Beatíssima Virgem Maria, nossa querida Mãe? Nunca, como nesse dia, vos desejei, com tão vivo ardor, todas reunidas em Roma».

(C 102, 1).

«Reze e peça que rezem muito pelo Sagrado Concílio.»

[Vaticano I]. (C 400,18).

Nos tempos de perseguição, atenta a seus problemas e dificuldades:

«Não nos esqueçamos de rezar nesse santo tempo, mais do que nunca, pelas necessidades da Santa Igreja que são tão grandes! E ofereçamos, muitas vezes, ao Pai Eterno o Sangue do seu Filho Unigênito, a fim de obter a paz para todo o mundo católico».

(C 93,4).

No relacionamento, em comunhão eclesial, com Bispos e Sacerdotes:

«Esse padre é muito bom, cheio de zelo e unção; procure-o. Sirva-se dele o mais possível, bem entendido, com as devidas licenças de Monsenhor Magnasco, a quem cumprimentará por mim e a quem recomendo. Ofereça provas de confiança e respeito, e considere-o como pai, consultando-o nas circunstâncias que possam ocorrer».

(C 418,2).

Na estima e veneração pelo Papa, Vigário de Cristo:

«Talvez amanhã, sejamos admitidas à audiência de Sua Santidade, momento por nós tão desejado, em que poderemos homenagear pessoalmente aquele que faz às vezes de Cristo na Terra».

(C 57,2).

O Reino é sempre o horizonte de Paula:

«...eu, por graça de Deus, não sinto outro desejo senão o de que as Irmãs deem muita glória a Deus e que sejam de muito proveito para o próximo, com o seu trabalho, para

que Jesus seja conhecido e amado por todos quantos de vós se aproximarem».

(C 303, 3).

II • HOJE

...Em Jesus Cristo

Viver, totalmente, para fazer a Vontade do Pai, como Jesus e com Jesus, continua a ser, hoje, o eixo e o motor que impulsionam o caminho espiritual, sólido e profundo, de quem vive a experiência de Deus, à maneira de Paula. Jesus é o caminho que conduz ao Pai, aquele que chama a um seguimento, orienta a existência e pede um compromisso total para viver em intimidade com Ele e segui-Lo onde quer que vá. (cfr. VC 18).

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.

(Jo 14,5).

“No mundo atual, torna-se urgente um testemunho profético, baseado na “afirmação da primazia de Deus e dos bens futuros, como se depreende do seguimento e da imitação de Cristo casto, pobre e obediente, completamente entregue à glória do Pai e ao amor dos irmãos e irmãs».

(PdC 8).

«No seguimento de Jesus Cristo, para uma inteira disponibilidade à Vontade do Pai, fazemos para sempre o dom da nossa vida».

(Const. 3).

Adentrar, profundamente, no Mistério de Cristo é graça que só se pode receber com uma grande disponibilidade e fidelidade à ação do

Espírito. Com efeito, é o Espírito que suscita o desejo de entrar nesse caminho, com o olhar e o coração apaixonados, até poder exclamar com o Profeta: *«Seduziste-me, Senhor, e eu deixei-me seduzir»* (Jr 20,7); e é o Espírito que alimenta o desejo, orienta a resposta e conduz até a maturidade de identificação com Cristo.

«Viram, então, aparecerem umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem».

(Act 2,3-4; cfr. todo o Capítulo).

«A pessoa que é progressivamente conduzida pelo poder do Espírito Santo até a plena configuração com Cristo, reflete, em si mesma, um raio da luz inacessível, e, na sua peregrinação terrena, caminha até a Fonte inexaurível da luz».

(VC 19).

«A pessoa que se deixa seduzir por Ele não pode deixar de abandonar tudo e de O seguir. Como Paulo, considera todo o resto como “perda, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus”. A sua aspiração é identificar-se com Ele, assumindo os seus sentimentos e sua forma de vida».

(VC 18).

«A vida consagrada, como qualquer forma de vida cristã, é dinâmica por natureza, e todos quantos são chamados, pelo Espírito, a abraçá-la precisam crescer continuamente, até alcançar a plena estatura do Corpo de Cristo. Eles [os Fundadores], disponíveis e dóceis à sua inspiração, seguiram a Cristo mais de perto, penetrando em sua intimidade e

participando plenamente, em sua missão. Devemos deixar que o Espírito abra completamente as fontes de água viva que brotam de Cristo. É o Espírito que nos faz reconhecer em Jesus de Nazaré o Senhor, que faz ouvir o chamamento ao seu seguimento e identifica-nos com Ele».

(PdC 20).

«É a ação do Espírito que continua a oferecer sentido à nossa vocação na Igreja. Por isso tudo, esperamos e acolhemos como dom».

(Const. 2).

«É o Espírito que nos permite viver as exigências da consagração, tornando-nos inteiramente livres para acolher o dom de Deus».

(Const. 25).

Embora seja personalizada, a experiência espiritual não é isolada, porque é, na comunidade, que a Palavra pode ser partilhada e confrontada com a vida. Requer, portanto, que cada pessoa e a comunidade descubram, na escola da oração e da vida, o modo próprio como Deus lhes fala. Nesse caminho, nascerá e crescerá a sua relação pessoal e única com Cristo, que ocupará, progressivamente, o centro de sua vida, até a intimidade, conformidade e transformação n'Ele. É esta a profunda aspiração do coração humano, que Paula viveu apaixonadamente.

«...quem está em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer».

(Jo 15,5).

«Se permanecerdes na Minha palavra, sereis, verdadeiramente, Meus discípulos».

(Jo 8,31).

«Na verdade, pela profissão dos conselhos, o consagrado não só faz de Cristo o sentido da própria vida, mas se preocupa em reproduzir, em si mesmo, na medida do possível, “aquela forma de vida que o Filho de Deus assumiu ao entrar no mundo».

(VC 16)

«Cada vocação à vida consagrada nasceu da contemplação, de momentos de intensa comunhão e de uma profunda relação de amizade com Cristo, da beleza e da luz que se viram brilhar sobre o seu rosto. Toda a realidade da vida consagrada nasce e regenera-se, cada dia, na contemplação incessante do rosto de Cristo».

(PdC 25).

«É, portanto, necessário aderir, sempre mais, a Cristo, centro da vida consagrada, e retomar, com vigor, um caminho de conversão e de renovação que [seja] um partir de Cristo».

(PdC 21).

«...a vida consagrada é especial seguimento de Cristo. Isto inclui uma particular comunhão com Ele, constituído como centro da vida e fonte contínua de cada iniciativa».

(PdC 22).

«Viver a espiritualidade significa partir da pessoa de Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, presente na sua Palavra, “a primeira fonte de toda a vida espiritual cristã”. A palavra de Deus é alimento para a vida, para a oração e para o caminho cotidiano, é o princípio de unificação da comunidade na unidade de pensamento, a inspiração para a renovação constante e para a criatividade apostólica».

(PdC 24).

«Jesus Cristo, centro de nossa vida em comunhão, faz-se presença para nós, de um modo especial na Eucaristia».

(Const. 34).

«O processo da nossa transformação em Cristo unifica toda a nossa vida».

(Const. 6).

O caminho de intimidade e de identificação com Cristo, por ser um caminho de amor, leva-nos, necessariamente, a penetrar, até o fundo, no acontecimento da Cruz, do Amor Crucificado, para nos ensinar a amar, como Ele, até o fim. Leva-nos a compreender o caminho pascal, em seu verdadeiro e profundo significado, e a abrimo-nos à graça de vivê-lo com e como Cristo o viveu. Leva-nos a contemplar Cristo Crucificado no rosto desfigurado dos «*crucificados*», dos excluídos de nosso mundo e a compreender que estar a seu lado é caminho pascal de morte para dar vida.

«...com os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé, o Qual, pela alegria que Lhe fora proposta, suportou a cruz, desprezando a ignomínia, e está agora sentado à direita do trono de Deus...».

(Heb 12, 2).

«Se o grão de trigo não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto».

(Jo 12,24).

«O grito de Jesus, na cruz, não traduz a angústia de um desesperado; é a oração do Filho que, por amor, oferece a sua vida ao Pai, pela salvação de todos».

(NMI 26).

«A busca da beleza divina impele as pessoas consagradas a cuidarem da imagem divina deformada nos rostos de irmãos e irmãs; rostos desfigurados pela fome, rostos desiludidos pelas promessas políticas, rostos humilhados de quem vê desprezada a própria cultura, rostos assustados pela violência cotidiana e indiscriminada, rostos angustiados de menores, rostos de mulheres ofendidas e humilhadas, rostos cansados de migrantes sem um digno acolhimento, rostos de idosos sem as mínimas condições para uma vida digna».

(VC 75).

«A consciência da situação de pecado que divide os homens obriga-nos ao empenho pela justiça em uma solidariedade efetiva com a causa dos pobres».

(Const. 17).

Deus Trindade quis associar intimamente Maria ao Mistério da Salvação: Filha predileta do Pai, Esposa do Espírito Santo, Mãe do Verbo feito carne, Mãe da Igreja. E quis que a sua maternal guia e a sua proteção fossem instrumentos privilegiados em nosso processo de identificação com Cristo e com a missão da Igreja de anunciar e construir o Reino. Compreender, profundamente, esse lugar de Maria na economia da Salvação, contemplá-la com os olhos do coração, encontrar-se diariamente com Ela, confiar-lhe a vida e pedir-lhe conselho, recorrer com filial confiança, à sua maternal proteção, não só nos ajudará a amar, sempre mais, o seu Filho, mas também a «*dá-Lo a conhecer e a amar por muitos*», como o viveu e ensinou Paula.

«Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que Lhe foram ditas da parte do Senhor!».

(Lc 1, 45).

«...a Mãe de Jesus disse-lhe: Não tem vinho! Sua Mãe disse aos servidores: Fazei o que Ele vos disser!».

(Jo 2, 3 e 5).

«Maria, na Santa Igreja, ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós».

(LG 54).

«A relação com Maria Santíssima, que todo o fiel tem, em consequência da sua união com Cristo, resulta ainda mais acentuada na vida das pessoas consagradas. Escolhida pelo Senhor, que nela quis cumprir o mistério da Encarnação, lembra aos consagrados o “primado da iniciativa de Deus”. Ao mesmo tempo, dando o seu consentimento à Palavra divina que nela se fez carne, Maria aparece como “modelo de acolhimento da graça”, por parte da criatura humana».

(VC 28).

«E olhemos para Maria, Mãe e Mestra para cada um de nós. Nela se refletem e se renovam todos os aspectos do Evangelho e todos os carismas da vida consagrada. Que Ela nos ajude em nosso compromisso diário, de tal modo que façamos dele um belo testemunho de amor, segundo o convite de São Paulo: “Eu vos exorto a que vos comporteis de modo digno da vocação que recebeste”.

(Ef 4,1)». (PdC 46).

«Maria, intimamente unida ao seu Filho na obra da Redenção, ensina-nos a segui-Lo em sua resposta total ao Pai e aos irmãos e anima-nos a integrar, na vida, o mistério do sofrimento com a esperança firme da Ressurreição».

(Const. 9).

O encontro pessoal com Deus em Jesus Cristo realiza-se na Igreja e a ela conduz. De Jesus, recebeu a missão de estar a serviço de Seu projeto de Salvação para o mundo, de Seu sonho de fazer de toda a Humanidade uma só Família, a Família dos Filhos de Deus.

O Espírito Santo é o inspirador dos diversos carismas na Igreja, entre os quais o carisma da Vida Consagrada. Esta, assumindo o seu caráter profético, sente-se Igreja e vive a Igreja, segundo a missão que Jesus lhe confiou, sendo nela sinal e serviço que *«anuncie a possibilidade de viver já o Amor que permanecerá sempre».*

«...completo, na minha carne, o que falta aos sofrimentos de Cristo pelo Seu Corpo, que é a Igreja».

(Col 1,24).

«...a Igreja, a qual é, em Cristo, como que sacramento ou sinal, é também instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano.»

(LG 1).

«...proclamando a nobilíssima vocação do homem e afirmando que um germe divino nele foi inserido, este Santo Sínodo oferece ao gênero humano a colaboração sincera da Igreja em ordem à instauração de uma fraternidade universal, que corresponda a esta vocação».

(GS 3).

«À Vida Consagrada, está confiada outra grande tarefa, à luz da doutrina sobre a Igreja-comunhão, pede-se que as pessoas consagradas sejam verdadeiramente peritas em comunhão e pratiquem a sua espiritualidade, como “testemunhas e artífices daquele projeto de comunhão que se encontra no vértice da história do homem, segundo Deus”. Nos Fundadores e Fundadoras, aparece, sempre

vivo, o sentido da Igreja, que se manifesta em sua participação plena da vida eclesial, em todas as suas dimensões e na pronta obediência aos Pastores, especialmente ao Romano Pontífice».

(VC 46).

«...a vida consagrada, com o estilo de vida e a busca do Absoluto, quase sugere uma terapia espiritual para os males de nosso tempo. Por isso, no coração da Igreja, representa uma bênção e um motivo de esperança para a vida humana e para a própria vida eclesial».

(PdC 6).

«...nossa vida em comunhão que, na Igreja e como Igreja, quer ser sinal e serviço para a transformação do mundo na grande família de Deus».

(Const. 4).

«Sentir com a Igreja é permanente exigência de universalidade, prontidão e compromisso em nossa atitude de serviço ao Reino».

(Const. 8).



CAPÍTULO 3

UM MODO DE VER:
«O MODO DE VER DE DEUS»



I • AS ORIGENS Um modo de ver...

Ver tudo como Deus o vê só é possível a quem, como Paula, vive de fé, a quem projeta, em seu olhar, a luz que brota de sua relação íntima com Deus. Na verdade, Paula viveu, apaixonadamente, a «*fé e fé viva*» que aconselha às suas filhas:

«Deus que vos mandou aí, pensará a seu tempo em todas as vossas necessidades. Portanto, fé e fé viva!».

(C 268,4).

«Exorto-a, também, a estar tranquila a nosso respeito e, também, a vosso respeito: vivamos, quanto pudermos, de pura fé».

(C 532,8).

«...aprenda a viver de fé e não se deixe enganar pelo demônio».

(C 294,6).

Essa atitude permanente leva-a a assumir a vida, como portadora dos «*desígnios de Deus*», e a acolher, nos acontecimentos, as suas «*divinas disposições*».

«É necessário inclinar a frente perante as adoráveis disposições de Deus; tudo quanto Ele dispõe é para nosso bem».

(C 37,2).

«Deus seja bendito também por isto, que certamente não aconteceu por acaso, mas por divina disposição e para o nosso bem».

(C 747,1).

Aprofundando, sempre mais, o «*olhar de Deus*», entrando em seu dinamismo, descobre e assume Paula o que Ele lhe «*diz*» em cada momento. É o seu modo de viver a fé, é o seu modo de compreender a vida que nasce do amor e que concede a verdadeira paz.

«...como não se move uma folha sem que Deus o queira, recebamos todo este contratempo das suas santíssimas mãos, em perfeita conformidade com a sua santíssima vontade, e Ele tirará disso a sua glória».

(C 490,5).

«...de que grande paz goza o coração vazio de si mesmo e possuído apenas pelo amor de Deus!».

(C 316,3).

Porque Paula é um coração pobre, aberto, permanentemente, ao seu Deus, acolhe, com plena «*adesão*», o dom gratuito da fé. Da sua «*conformidade*» com as «*divinas disposições*», que são sempre «*para nosso bem*», brotam e alimentam-se a sua total confiança, tranquilidade e abandono «*nas mãos de Deus*»:

«Demos, também nós, a Deus aquilo que de mais querido possuímos, isto é, a nossa vontade, deixando-nos, daqui em diante, moldar, por Ele, como o barro nas mãos do oleiro, persuadidas de que tudo quanto Deus fizer de nós será para o nosso verdadeiro bem. Que bela paz reinará em nós, se chegarmos a este inteiro abandono em Deus!».

(C 102,5).

«...nunca cultivei a curiosidade, e, assim, contento-me com o pouco que posso saber e, quanto ao resto, deixo o cuidado de tudo a Deus e fico tranquila».

(C 559,4).

«...o Senhor quer que as pobres Doroteias apoiem-se unicamente n'Ele já que Ele as sabe bem guiar. Confiemos n'Ele, confiemos n'Ele, e nada nos faltará».

(C 269,3).

Da fé, luz que constrói equilíbrio, inclusive entre «contrários», procedia a harmonia de vida que caracterizava Paula e lhe fornecia um atrativo particular.

«...fazia-nos esta comparação: a vida é como um lindo bordado que se está a fazer, do qual nós vemos só o avesso. Todos aqueles fios que se entrelaçam confusamente não nos deixam ver a beleza do desenho; mas Deus vê o direito, e harmoniza, admiravelmente, todas as cores, e, desse modo, o que nos parece, muitas vezes, uma confusão forma, pelo contrário, um trabalho de paraíso».

(Mem. pág. 544).

Recomendava, muito, a igualdade de humor e a serenidade de rosto, que tanto edificava nela própria, e costumava dizer:

«A cruz formamo-la nós com a falta de conformidade com a vontade de Deus. A divina vontade é sempre reta; ora, enquanto a nossa vontade for conforme com a d'Ele, não há cruz, porque duas paralelas não formam cruz; mas, quando a nossa vontade se atravessa à vontade divina, então forma-se logo cruz, e esta dura enquanto não voltamos à anterior conformidade».

(Mem. pág. 544).

Ver a luz da Vontade de Deus foi critério fundamental, na vida de Paula, que a levou a desejá-la, apaixonadamente, e a disponibili-

zar, a seu serviço, os valores da sua vocação de mulher e de mulher consagrada.

«...esteja tranquila de que não acontecerá senão o que for da maior glória de Deus. Isto devemos querer com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças: Vontade de Deus, és o meu Paraíso».

(C 573,6).

«Encontrava as suas delícias em realizar, o mais perfeitamente possível, a divina vontade e costumava dizer que tinha dado a Deus “carta branca”...».

(Mem. pág. 547).

Desejá-la e, por isso, buscá-la. Sem empregar a palavra, Paula viveu em contínuo discernimento, usando os meios que lhe eram próprios para descobrir o que Deus queria dela e do seu Instituto, nas diversas situações, e assim o poder cumprir.

«A nossa santificação depende do cumprimento da Santíssima Vontade de Deus; portanto, todo o nosso empenho deve consistir em conhecê-la».

(C 234,2).

«...devemos, moderadamente, recluir de nós mesmas, porque o nosso amor próprio é um certo embusteiro, que nos faz ver o que muitas vezes não é: faz ver branco o preto e preto o branco; e, por vezes, confunde-nos de tal modo que nos tira a razão. A isto, portanto, é necessário estar atentas e dar remédio com o conhecimento de nós mesmas, pedindo-o muitas vezes a Deus».

(C 293,5).

«Eu estou em perfeita indiferença: só me interessa que as duas casas funcionem bem».

(C 510,2).

«...não sei se será vontade de Deus: conhecê-la-ei pelo decorrer dos acontecimentos e pelos conselhos que receber».

(C 9,7).

«Essa minha ideia, como disse, consultei-a com Deus; depois com S. Eminência..., com o Padre G. ... e com o Padre B. ...e foi aprovada por todos. Comunique-a, pois, ao Padre G. ... ao Padre F. ... e ao meu irmão e, depois, escreva-me, dizendo também o seu parecer, mas só depois de ter feito oração».

(C 29,2).

«Reze e peça que rezem para que o Senhor se digne a conceder-nos ouvido apurado, inteligência clara e vontade dócil, a fim de que possamos secundar inteiramente a divina vontade».

(C 467,3).

«Recomende, também, este assunto ao Coração Santíssimo de Jesus, para que, se a escolha não for segundo a sua vontade, a impeça».

(C 511,9).

«Eu desejaria conhecer a vontade de Deus acerca dessa nossa casa, para a poder realizar imediatamente».

(C 632,2).

«Rezemos muito, para que o Senhor se digne a dar-nos a conhecer a sua Santíssima Vontade e nos dê os meios e as graças necessárias para a poder cumprir».

(C 266,11).

O caminho privilegiado, para conhecer e cumprir a Vontade de Deus, é a Obediência, que Paula assume como «*virtude característica*» do Instituto.

«...abandonando-vos inteiramente à vontade de Deus, que vos é manifestada por meio da obediência; esta virtude vos seja sumamente cara, e desejo que a pratiqueis com toda a perfeição».

(C 789,4).

«No Coração de Jesus, poderão encontrar o espírito de humildade, mansidão, simplicidade e obediência que deve caracterizar os membros do Instituto».

(Const. 51,429).

Filhas da Santa Fé, o primeiro nome do Instituto, expressa, com clareza, a força-luz das origens: um Instituto, na Igreja, que vive e transmite a fé, que serve ao crescimento da fé, «*o modo de ver de Deus*».

«Aproximando-se o tempo de se reunirem em Comunidade, ficou resolvido que as religiosas do novo Instituto se chamassem “Filhas da Santa Fé” e que os seus membros entregassem-se a uma vida apostólica».

(Mem. pág. 22).

E foram motivos apostólicos os que a levaram a mudar o nome:

«Aceite, pois, o projeto do Padre Passi; a nossa Fundadora, para melhor levar as suas religiosas a zelar e a promover a dita Pia Obra, determinou que se chamassem “Irmãs de Santa Doroteia”, em vez de “Filhas da Santa Fé”, e que se obrigassem, com voto, a promover essa Obra».

(Mem. pág. 32).

II • HOJE Um modo de ver...

Os critérios que movem o mundo em que vivemos entram, constantemente, em nossas casas, como o ar que se respira, em forma de «desinformação», de informação manipulada por interesses de mercado e de poder. Um mundo em que o direito internacional tende a desaparecer, perante a «lei do mais forte», e em que os valores não contam. Nesse mundo, que manifesta um «modo de ver» contrário ao modo de ver evangélico, torna-se, cada vez mais, urgente viver e transmitir a sabedoria que provém da fé, assimilar os valores e critérios da vida de Jesus, «o modo de ver de Deus» que marcou, tão profundamente, o modo de ver de Paula.

«Rogo ao Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo que vos conceda um espírito de sabedoria e de revelação para bem O conhecerdes, iluminando os olhos do vosso coração a fim de saberdes que esperança constitui o vosso chamamento».

(Ef. 1,17; 18).

«...chegar a atingir e como que a modificar, pela força do Evangelho, os critérios de julgar, os valores que contam,

os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade».

(EN 19)

Viver e transmitir, hoje, o «modo de ver de Deus», como Doroteias Educadoras, pressupõe uma permanente atenção de coração aos sinais da presença de Deus e uma contínua conversão para sair de nossos esquemas, de nosso modo habitual de ser e agir, e entrar na insegurança de buscar, constantemente, a Sua Vontade, sem saber onde nos levará. Solicita-nos que entremos no dinamismo do olhar de Deus, aprofundando, sempre mais, para descobrir o que nos quer dizer em cada momento e para o assumir, colaborando efetivamente com Ele. Pede-nos o exercício cotidiano da Fé, impregnando todo o ser na entrega incondicional a Deus.

Como pessoas consagradas, fazemos essa entrega incondicional a Deus por meio dos Votos, vividos em Comunidade para a Missão. Aqui radicam e tomam todo o sentido os nossos Votos de Obediência, Castidade e Pobreza que, longe de rebaixar a nossa condição de mulheres, realizam-na de uma forma determinada.

«As mulheres consagradas estão chamadas de modo absolutamente especial a serem, mediante a sua dedicação vivida em plenitude e com alegria, “um sinal da ternura de Deus para com o gênero humano e um testemunho particular do mistério da Igreja que é virgem, esposa e mãe”.

(VC 57).

«A nossa decisão de seguir Jesus Cristo em Castidade, Pobreza e Obediência é uma contínua resposta de fé ao amor gratuito de Deus em ordem à radical disponibilidade, pessoal e comunitária, para a construção do Reino».

(Const. 11).

Ainda que constitua uma unidade, cada Voto acentua uma dimensão integrante da pessoa humana e, ao mesmo tempo, é um modo particular de viver as três atitudes fundamentais da vida cristã: a Fé, a Esperança e a Caridade. Só um coração pobre que vive, em total entrega, o Amor, dispõe de condições para se abrir à Vontade de Deus, em Obediência fiel, como Cristo foi obediente ao Pai.

«O processo da nossa transformação em Cristo unifica toda a nossa vida, fazendo-nos apóstolas de fé inabalável e operativa que, em total abandono ao Pai, não têm outra intenção nem outro desejo a não ser a realização da Sua Vontade».

(Const. 6).

O Voto de Obediência articula-se, mais especificamente, à Fé, ao modo de ver de Deus. Mais: a Obediência é o exercício cotidiano da Fé, porque é a escuta e a realização da Vontade de Deus sempre, e não apenas em algumas ocasiões.

«Pelo voto de Obediência, seguimos Jesus Cristo na decisão de viver, única e exclusivamente, para a Vontade do Pai, a fim de que se cumpra, no mundo, o seu Desígnio de Amor».

(Const. 21).

Mas a Vontade de Deus, objetivo constante da vida de Paula, chega-nos envolvida em formas humanas e, por isso, deve ser buscada e discernida. Somos chamadas a viver o discernimento comunitário como atitude e prática habitual, para encontrarmos, juntas, o modo de pensar, de julgar e de viver, segundo os critérios de Deus, vividos e ensinados, por Jesus Cristo, no Evangelho, encarnados no modo feminino de compreensão da existência que tanto falta no mundo. Dessa forma, construir-se-á uma consciência e uma vontade comum, capaz de ser força profética na sociedade atual. Para isso,

“mantemos vivo o espírito para discernir a ação de Deus na História e colaborar com ela em cada situação concreta”. (Const. 5)

Nesse discernimento comunitário, que exige que todas saibam ler os sinais da presença de Deus, desempenha um papel fundamental a autoridade, a quem compete suscitar a participação de todas na busca comum, em ordem a que as decisões sejam tomadas em conformidade com a Vontade de Deus.

«...Como se vê, sabeis interpretar o aspecto do céu, mas quanto aos sinais dos tempos não sois capazes de os interpretar!».

(Mt 16,3).

«Descobrir a Vontade de Deus em ordem à missão, aceitá-La e assumi-La, pessoal e comunitariamente, constituem o discernimento da fé, exigido pela obediência. A Palavra de Deus, o Magistério e a Vida da Igreja, os sinais dos tempos, as orientações da Congregação, a comunidade e a consciência são elementos essenciais para o discernimento. À autoridade, compete tomar decisões sempre que for necessário».

(Const. 22).

O discernimento não é instrumento que possibilite optar entre o bem e o mal e, por isso, torna-se mais difícil. O discernimento é um dinamismo movido pela lei do Amor que nos leva a descobrir, entre dois bens ou situações que em si são boas, qual é a melhor, quer dizer, qual é aquela que Deus quer de nós, no momento. É o magis inaciano que pede uma atitude de “indiferença”, fruto de um trabalho interior constante e profundo, que, libertando interiormente, capacita para, quando necessário, renunciar a projetos que podem ser muito bons, mas não correspondem ao que Deus quer. Assim aconteceu com Maria na Anunciação.

“Como será isso, se eu não conheço homem?(...) Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua palavra”.

(Lc 1,34 e 38).

«Ainda que, em última instância, e segundo o direito próprio, pertença à autoridade o poder de tomar decisões e fazer opções, o caminho normal da vida fraterna em comunidade pede uma participação que permite o exercício do diálogo e do discernimento. Todos e cada um, na comunidade, podem, desse modo, confrontar a própria vida com o projeto de Deus, fazendo, juntos, a sua vontade».

(PdC 14).

«A assimilação progressiva do espírito dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio forma-nos em uma oração que leva à unidade de vida e ensina-nos a amar a Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus. Os tempos fortes de oração, pessoal e comunitária, são imprescindíveis para fazer esse caminho».

(Const. 37).

O exame pessoal diário é, sem dúvida, a oração que mais ajuda a recriar e a manter uma constante atitude de discernimento, porque o seu objetivo não é só descobrir as faltas e pedir perdão; o seu verdadeiro objetivo é ler os sinais da presença de Deus e o que Ele vai querendo no concreto de cada dia. É uma verdadeira oração de discernimento, uma vigilância de amor, da qual não se pode descuidar quem opta, seriamente, por ver a vida ao modo de Deus, para poder descobrir e fazer a Sua Vontade.

«A autenticidade da nossa oração comprova-se na vida. Pelo exame pessoal diário e pela revisão comunitária, em atitude

de conversão sincera e contínua, descobrimos os nossos limites e as nossas incoerências e procuramos a reconciliação».

(Const. 40).

Vivido assim, o Voto de Obediência oferece à sociedade um sentido novo de autoridade. A autoridade, em nosso mundo, é um poder. Coloca-se em uma posição hierarquicamente superior, dá ordens, domina, usa de privilégios. A autoridade, na Vida Religiosa, é um serviço de animação e de mediação para que a Comunidade viva em constante dinamismo de busca e realização da Vontade de Deus, em função do Reino.

«...aos quais se confiou o serviço da autoridade. Essa missão requer uma presença constante, capaz de animar e de propor, de recordar a razão de ser da vida consagrada e de ajudar as pessoas que lhes foram confiadas, no sentido de uma fidelidade sempre renovada ao chamamento do Espírito. Nenhum superior pode renunciar à sua missão de animação, de ajuda fraterna, de proposta, de escuta e de diálogo».

(PdC 14).

«A eficácia evangélica da missão exige um contínuo discernimento. A autoridade acompanha e assegura esse processo nas suas diferentes etapas, suscita a participação ativa de todas as Irmãs para chegar a um comum acordo e, quando a situação o requer, assume o serviço da decisão».

(Const. 70).

Jesus conseguiu escutar o chamamento do Pai, mesmo no meio do ruído ensurdecido da violência e da injustiça. Nessa situação,

continuou a revelar o Amor e a manifestar a misericórdia e o perdão. Continuou a obedecer ao Pai em situações negativas, injustas, pecaminosas que o conduziram à morte. Também, nas situações difíceis, temos de continuar a buscar o *«modo de ver de Deus»*, como comunicar o Seu amor e fazer a vida brotar.

“Por isso, o Pai ama-Me, porque dou a Minha vida. ... Ninguém a tira; sou Eu que a dou por Mim mesmo”.

(Jo 10,17-18).

«E, assim, é possível sentir-se guiados pelo Espírito do Senhor e sustentados, mesmo no meio de grandes dificuldades, pela sua mão segura».

(VC 92).

Viver a Obediência é uma atitude profunda de Fé que compromete totalmente a pessoa, como aconteceu com Jesus, obediente ao Pai até a morte de cruz. (Fil 2,8).

«...humilhou-se a si mesmo fazendo-se obediente até a morte e morte de cruz».

(Fil 2,8).

«...a audácia da fé e a paixão pelo Reino que impulsionaram Paula Frassinetti têm de continuar a marcar a nossa vontade comum de dar a vida até o fim».

(Const. 28).

«Maria, intimamente unida ao seu Filho na obra da Redenção, ensina-nos a segui-Lo, em sua resposta total ao Pai e aos irmãos, e anima-nos a integrar, na vida, o mistério do sofrimento com a esperança firme da Ressurreição».

(Const. 9).



CAPÍTULO 4

UM MODO DE RELACIONAR-SE:
«AMAR COMO JESUS
NOS ENSINOU E AMOU»



I • AS ORIGENS

Um modo de relacionar-se...

Amar como Jesus amou e nos ensinou a amar é o valor, o critério definitivo que Paula assumiu em sua vida e que marcou, profundamente, o seu modo de relacionar-se com Deus, com as pessoas, com a criação.

«Um só coração e uma só alma, no Coração Dulcíssimo de Jesus»

Paula compreendeu bem que a força construtiva da comunidade, o vínculo capaz de manter unido o seu Instituto, está na revelação suprema que Jesus Cristo nos entregou como testamento, na hora íntima e densa da Última Ceia, a revelação da Comunhão Trinitária: *«Que sejam um como nós somos um»*. Assim o expressa, com convicção, nas Constituições:

*«Seja, portanto, esta a divisa dos membros do Instituto:
Cor unum et anima una in Corde Iesu».*

(Const. 51, 429).

«...e, de todo o Coração, peço a Jesus Menino que as receba todas em seu Sacratíssimo Coração e que de tantos corações, quantas são as Irmãs, forme um único, único, único. Se o Senhor me conceder esta graça tão grande, considero-me a pessoa mais feliz desse mundo».

(C 553,11).

«A caridade, a união fraterna que faz de tantos co-rações um só coração, é a virtude que tanto amava e inculcava, em si e nas outras, a nossa bem-aventurada Madre Fundadora».

(Mem. Vassallo, pág.108).

A intimidade com Jesus forneceu a Paula a compreensão profunda do Mistério do Amor e a graça de o encarnar em sua vida.

«Fazei que, com a Vossa Graça, eu me torne uma perfeita imagem de Jesus, que me faça toda para todos, para todos ganhar para Jesus Cristo; que não viva mais para mim própria, mas que só Jesus viva em mim».

(Fórmula da Profissão Perpétua da Madre Fundadora).

«Sim, minhas diletíssimas Irmãs, para merecermos graças cada vez maiores, estejamos bem unidas em santa caridade no dulcíssimo Coração de Jesus e, desse Coração, elevemos a Deus Pai unânime oração para que, precisamente pelos méritos do mesmo Santíssimo Coração, dê-nos graça abundante para nos tornarmos verdadeiras cópias daquele grande Modelo que nos apresenta no Monte Calvário».

(C 250,3).

Paula, profundamente convencida de que é a **caridade, rainha, alma e vínculo de todas as virtudes**, que, verdadeiramente, deve mover-nos e guiar na vida, não hesita em propor e recomendar, insistentemente, como característica do Instituto:

«...deve conduzir-nos a lei interior da caridade e do amor que o Espírito Santo escreve e imprime nos corações...».

(Const. 51, Prefácio).

«E, para dizer alguma coisa, em particular acerca da união e caridade fraterna, que tanto prezo e que deve ser a característica do nosso Instituto, recomendo que sejam lidas, ponderadamente, as nossas Regras que tratam dessa rainha de todas as virtudes. Lembrai-vos de que a

caridade é a alma e o vínculo de todas as outras virtudes, pelo que, se esse nó se desfaz, todas as outras virtudes enfraquecem e se perdem».

(C 867,11).

«...a essência, a vida, o espírito de nosso Instituto é, precisamente, a Caridade, o Santo Amor, pois outro motivo, outra intenção, outro fim não teve a Fundadora ao instituí-lo, ou antes, o próprio Deus ao convidá-la a fundá-lo».

(Mem. Vassallo, pág. 108).

Dessa «*verdadeira caridade que Deus quer de nós*», deriva **um modo concreto de relacionar-se**, que Paula vive, transmite e ensina.

«A Madre Frassinetti vivia entre nós, como uma mãe no seio da própria família. Amava-nos com terníssimo amor e com igual amor era por nós correspondida».

(Mem. pág. 530).

«Era tão grande a sua benignidade, que todas acorriam a ela com plena liberdade; e, se por acaso, alguma sentisse na sua presença um sentimento de temor, desaparecia logo que ela proferisse as primeiras palavras de encorajamento».

(Mem. pág. 531).

«...exercerão uma grande vigilância sobre si mesmas, para que as pessoas com quem tiverem de tratar não vejam, em sua conduta, senão humildade, simplicidade, zelo, mansidão e caridade».

(Const. 51, 129).

«exorto-a a meditar muito, no Coração Santíssimo de Jesus: a suavidade, a mansidão e a caridade que tudo sabe tolerar, desculpar e até cobrir; caridade que, ao mesmo tempo, não deixa de fazer tudo para ajudar quem quer que se aproxime, sem olhar se lhe corresponde ou não».

(C 729,4).

«A outra virtude à qual devem atender e nela adquirir a maior perfeição, é a caridade: caridade nos pensamentos, nunca suspeitando mal de ninguém; compadecendo-se e até desculando os defeitos alheios; caridade nas palavras, nunca proferindo nenhuma que possa ofender, ainda que de longe, esta bela virtude; finalmente, caridade nas obras, auxiliando-vos mutuamente nas necessidades umas das outras, mesmo à custa de sacrifícios, mas de boa vontade, com boa cara e com maneiras delicadas, suaves e amáveis».

(C 789,5).

«Pobrezinhas! Não têm a quem abrir o coração; que encontrem o coração materno de ambas [Irmã Jannozi e Irmã Toscani], no qual possam derramar todo o seu coração, os seus sofrimentos e tudo quanto as possa afligir».

(C 730,3).

No modo de relacionar-se de Paula, destaca-se a simplicidade, que lhe dotava de um atrativo particular e despertava a confiança, não apenas das Irmãs, mas também de todos os que a conheciam. Simplicidade que recomenda, com insistência, considerando-a, inclusive, uma característica do Instituto.

«No Coração de Jesus, poderão encontrar o espírito de humildade, mansidão, simplicidade e obediência que deve caracterizar os membros do Instituto».

(Const. 51, 429).

«Deverão amar e desejar, de todo o coração, aquela bela simplicidade, tão grata a Jesus Cristo, simplicidade que rejeita todo o fingimento e dissimulação, que afasta todas as vãs aspirações do amor próprio, que toma sempre de preferência o caminho mais reto e comum, que leva a tratar o próximo sem pretensão, sem afetação e sem artifício».

(Const. 51, 119).

«...apenas lhe digo que caminhe sempre, na presença de Deus, com a simplicidade requerida pelo nosso santo Instituto...».

(C 387,2).

«Peçamos, pois, ao Menino Jesus, todas unidas, com grande fervor e perseverança, essas virtudes principais, isto é, a humildade, a caridade e a simplicidade, que certamente no-las concederá».

(C 89,2).

Paula viveu, em grau eminente, a caridade que tanto desejava em todas, porque o seu coração, vazio de si, deixou-se possuir *«unicamente pelo amor de Deus»*; para isso são necessários, e ela recomendou-o, muita atenção, esforço e generosidade.

«Era diligentíssima no exame de consciência... Dizia mesmo: “Desejaria que as minhas Irmãs se examinassem continuamente”».

(Mem. pág. 540).

«Façamos, nestes santos dias, uma exata anatomia do nosso coração e, onde encontrarmos desvios, corrijamo-los».

(C 190,3).

«...estarão bem persuadidas de que Deus é tudo e o resto é nada; e assim, ajudadas pela graça divina, elevar-se-ão acima da fragilidade da natureza, da sensibilidade e do amor próprio, olhando, unicamente, para a glória de Deus e para a honra e complacência do Coração de Jesus».

(Const. 51, 483).

«...por caridade, fazei todo o esforço para vos desprender de vós mesmas, a fim de que o santo amor de Deus vos invada...».

(C 316,4).

«Se tanto procuro inculcar-vos a generosidade, não é que duvide de vós. Portanto, não é o receio que me leva a falar-vos assim, mas o desejo de vos ver crescer sempre no amor de Deus».

(C 346,4).

«Seja, pois, o fruto das nossas meditações, um grande amor a Jesus, nosso Esposo, e um grande desprendimento de tudo o que é satisfação própria, estima e conforto».

(C 119,4).

Todos reconheciam em Paula a sua **caridade universal**, por meio da *«bondade e gentileza»* com que tratava todas as pessoas e que continuamente recomendava.

«Era dotada de uma cordialidade e de uma liberalidade de alma a toda a prova, bem como de um coração gratíssimo a quem lhe tivesse prestado algum serviço, a ela ou ao seu Instituto. Verdadeira mãe para com todos – religiosas, educandas e estranhos...».

(Mem. pág. 589).

«...onde não está a caridade, também não está Deus».

(C 527,6).

«...desejo que elas saiam do Orfanato sem qualquer sinal de ressentimento e que tratem a todos com bondade e gentileza, tanto os que lhes são favoráveis como os que lhes são adversos».

(C 700,5).

«Quem tratar uma vez com as Irmãs tenha o desejo de as encontrar de novo».

(Const. 51, 238)

A contínua contemplação de Jesus – e de Jesus Crucificado – leva Paula a descobrir, com a intuição e a delicadeza de seu coração sensível, que o amor compassivo é o modo de acolher e de ir ao encontro do outro, em particular dos que são menos amados, dos mais necessitados.

Participando das mesmas preferências de Deus, entrega-se, com particular dedicação, às meninas menos atraentes e mais necessitadas, às Irmãs doentes e estrangeiras, aos pobres, aos inimigos.

«Tinha sempre, com todas, aquela solicitude materna que lhe era natural, mas notou-se que dava a preferência às menos atraentes. “Eu quero mais à outra, como me sucede

sempre com as crianças menos atraentes, porque estas, em geral, são menos amadas e porque, nelas, parece-me amar a pura imagem de Deus sem moldura».

(Mem. pág. 81).

«Sejam muito solícitas em informarem-se, na Paróquia, existem meninas inclinadas ao mal e descuradas; e des-sas, como mais necessitadas de ajuda, ocupem-se de um modo particular».

(Const. 51, 232)

«Devendo os membros de nosso Instituto conformar-se, em tudo, com o espírito de Jesus Cristo, nosso exemplo e modelo, nele se professa uma particular caridade para com as doentes, não descurando coisa alguma que possa contribuir para as aliviar e lhes restituir a saúde».

(Const. 51, 204).

«...tenho o coração nas três doentes que me dão cuidado, por isso, termino».

(C 719,11).

«Lembrando-se do sacrifício que tínhamos feito ao deixar a terra natal, fazia tudo para no-lo tornar suave, por um trato cheio de bondade e amabilidade. Tinha, para nós, as mais finas delicadezas».

(Mem. pág. 574).

«...agradeça às pessoas que se manifestaram em nosso favor e peça-lhes, também em meu nome, que, assim como eu e a Irmã tudo perdoamos de todo o coração, também eles queiram contentar-se que, oferecendo-se a oportuni-

dade, nós tomemos a única reparação que nos convém, isto é, fazer todo o bem possível a essas pessoas que, por paixão de momento, caíram naquela insolência».

(C 530,4).

O coração de Paula, coração de mulher, prestava atenção a todas as coisas - até nas menores -, vivendo o cotidiano como lugar privilegiado para o encontro com Deus.

«Dos próprios sentimentos de Jesus Cristo, aprenderão qual o valor e a importância das pequenas coisas no serviço de Deus, e, sobretudo, na vida religiosa».

(Const. 51, 429).

«recomendo-lhe que esteja bem unida com as suas Conselheiras, ouvindo os seus pareceres, antes de tomar qualquer decisão, mesmo em coisas que lhe parecessem pequenas».

(C 678,4).

«E o que, de modo particular, vos recomendo é que façais muito caso das coisas pequenas tanto no evitar defeitos, como no exercício das virtudes. Gravai bem, na mente e no coração, que nunca é coisa pequena a que pode desagravar a Deus, e que nunca é de pouca importância aquilo que pode dar-lhe gosto».

(C 685,4).

O amor de Paula abre-se e expande-se para toda a Criação. A sua delicadeza de coração, a sua capacidade de ir ao encontro do semelhante, de se encantar, de contemplar e de admirar fazem-na vibrar com todos os seres criados: os canários que nascem, as árvores e as abóboras que crescem...tudo lhe interessa.

«...Paula encontrou-se com a nossa Mariana e, segundo o combinado, dirigiram-se ambas para o Monte Moro, onde, sentadas na grama, diante de um espetáculo maravilhoso de natureza e de arte, deram início às suas santas conversas. O mesmo fizeram no domingo seguinte e em muitos outros».

(Mem. pág. 16-17).

«No tempo bom, gostava de que se fizesse o recreio ao ar livre. A paisagem dos campos ou de um lindo céu estrelado despertava nela uma suavidade e uma alegria celestial! Por vezes, ao colher um fruto e ao convidar-nos a fazer o mesmo, dizia com amorosa gratidão: “Vejam, Deus, desde toda a eternidade, pensou em nos dar este mimo, neste momento!”.

(Mem. pág. 543).

«...“Que lindas estrelas tão cintilantes!” – exclamava por vezes, fixando o céu com um doce sorriso – “Um dia havemos de as ter debaixo dos pés! Se é tão belo o cárcere, que será o palácio real?”».

(Mem. pág. 544).

«Nasceram mais cinco canários! Pobres dos dois “pezzetti”, que grande família! Vinte e três filhos!».

(C 511,13).

«Às minhas árvores, ainda não posso apoiar a escada, mas vão crescendo. As abóboras estragaram-se; as outras suas sementes de flores fizeram mais ou menos a figura das que viu floridas. E que aconteceu às plantas que para aí levou o L.? A figueira vive?».

(C 516, 25).

II • HOJE

Um modo de relacionar-se...

Se contemplarmos, com um olhar sincero, o nosso mundo e aceitarmos a força objetiva dos dados e estatísticas, tornar-se-á fácil descobrir que este vive uma profunda crise de Amor, que é um mundo «sem Amor». Mas, porque, só no Amor, encontram-se a realização, a felicidade e a plenitude humana, o nosso mundo está sempre mais «sedento de Amor».

Essa situação é um desafio para nós, é um chamamento urgente a viver o dom do Amor, com e como Jesus o viveu. É Ele quem nos ensina que toda a lei e os profetas encerram-se no mandamento do Amor: «Amar a Deus sobre todas as coisas e amar o próximo como a nós mesmas». É Jesus quem nos revela que o Projeto do Pai é a comunhão de todas as pessoas entre si e com Deus, à imagem da Trindade. Com efeito, Ele quis salvar e santificar a humanidade, não individualmente, mas fazendo dela um povo. (cfr. LG 9).

A Igreja, consciente dessa realidade, sente hoje, com maior urgência, o chamamento a ser «casa e escola de comunhão» e, «nesse caminho, espera a decisiva contribuição da vida consagrada, por meio da sua específica vocação à vida de comunhão no amor». (PdC 28). A Igreja pede hoje às «comunidades de vida consagrada» que façam «crescer a espiritualidade de comunhão, primeiro no seu seio» e, também, como missão, «sobretudo nos lugares onde o mundo de hoje aparece dilacerado pelo ódio étnico ou por loucuras homicidas». (PdC 28). Espiritualidade de comunhão que, nas palavras de João Paulo II, «significa, em primeiro lugar, ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade» e que se alimenta «de modo especial, na Eucaristia, celebrada e adorada a cada dia, como fonte e cume da existência e da ação apostólica». (cfr. PdC 26 e 28).

O caminho espiritual de seguimento de Jesus, segundo Paula, expressa-se em um modo de relacionar-se e de viver em comunhão, que assume todos esses desafios de hoje e nos interpela fortemente.

«O Meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei».

(Jo 15,12).

«Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum...Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o Templo. Partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo».

(Act 2, 44; 46 e 47).

«...pede-se às pessoas consagradas que sejam verdadeiramente peritas em comunhão e pratiquem a sua espiritualidade como testemunhas e artífices daquele projeto de comunhão que está no vértice da história do homem segundo Deus. A vida de comunhão torna-se um sinal para o mundo e uma força de atração que leva à fé em Cristo e converte-se, ela própria, em missão».

(VC 46).

«Os Institutos Internacionais, nessa época caracterizada pela repercussão universal dos problemas, têm a missão de manter vivo e de testemunhar o sentido da comunhão entre os povos, as raças, as culturas».

(VC 51).

«Espiritualidade de comunhão significa, em primeiro lugar, ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser reconhecida também no rosto dos irmãos que estão à nossa volta».

(NMI 43).

«A Eucaristia, memorial do sacrifício do Senhor, co-ração da vida da Igreja e de cada comunidade, modela interiormente a oblação renovada da própria existência, o projeto da vida comunitária e a missão apostólica».

(PdC 26).

«Jesus Cristo, centro da nossa vida em comunhão, faz-se presença para nós, de um modo especial, na Eucaristia de que participamos, se possível, diariamente. Na Eucaristia, renovação da Aliança de Deus com os homens, a comunidade celebra a fé, fortalece a união e reafirma o compromisso de dar a vida».

(Const. 34).

«O amor de Jesus Cristo é o sentido e a força da nossa vida em comunhão que, na Igreja e como Igreja, quer ser sinal e serviço para a transformação do mundo na grande família de Deus».

(Const. 4).

O individualismo e a autossuficiência, que são hoje tão intensos, promovem o aumento das dificuldades de aceitação do outro com as suas diferenças, e da convivência humana em todos os níveis: família, trabalho, comunidade, entre grupos, entre nações. Dificuldades que brotam do coração humano e que, em profundidade, só Deus pode vencer. *«Missão que requer pessoas espirituais, forjadas, interiormente, pelo Deus da comunhão amorosa e misericordiosa».* (PdC 28). *«Comunidades maduras, em que a espiritualidade de comunhão é lei de vida»* (PdC 28), são hoje, mais do que nunca, revelação de Deus, sinal evidente de amor para o nosso mundo dividido e credibilidade para a Vida Consagrada. Com Paula, consideramos essencial viver, profundamente, a comunhão expressa no “lema” do Instituto, encarnando-a em nossas comunidades.

«...que todos sejam um só, como Tu, ó Pai estás em Mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu me enviaste».

(Jo 17,21).

«...as Comunidades de Vida Consagrada, nas quais se encontram, como irmãos e irmãs, pessoas de diversas idades, línguas e culturas, aparecem como sinal de um diálogo sempre possível e de uma comunhão capaz de harmonizar as diferenças. Essas comunidades são lugares onde o amor, haurido na fonte da comunhão que é a oração, é chamado a tornar-se lógica de vida e fonte de alegria».

(VC 51).

«...a Igreja deseja oferecer ao mundo o exemplo de comunidades em que a recíproca atenção ajuda a superar a solidão, e a comunicação impele todos a sentirem-se corresponsáveis, o perdão cicatriza as feridas, reforçando, em cada um, o propósito da comunhão».

(VC 45).

«...E ainda: “Espiritualidade da comunhão significa também, a capacidade de sentir o irmão de fé na unidade profunda do Corpo Místico, isto é, como ‘um que faz parte de mim’. Deste princípio, derivam, em rigorosa lógica, algumas consequências aplicáveis ao modo de sentir e de agir».

(PdC 29).

«A Coordenadora local, consciente de que a vitalidade da Congregação depende da resposta de vida de cada comunidade, é estímulo constante para uma comunhão sempre maior ao serviço do Reino».

(Const. 74).

Viver e construir comunhão só é possível a partir de uma forte vivência da Caridade, do Amor teologal, cuja fonte gratuita é o próprio Deus. Como mulheres consagradas, este Amor, que se expressa no modo de relacionar-se com Deus e com as pessoas, adquire, em nós mesmas, uma particular tonalidade por intermédio dos Votos, em particular do Voto de Castidade, que manifesta *«que a força do amor de Deus pode realizar grandes coisas», no modo de viver o amor humano.* (cfr. VC 88).

Efetivamente, o Voto de Castidade é um modo particular de viver o amor: é vivido como entrega a Jesus Cristo em totalidade, quer dizer, com todo o coração e a «tempo inteiro», abraçando o Seu mesmo estilo de vida. Possui um caráter esponsal que compromete toda a afetividade da pessoa, abrindo-a ao amor universal e concreto aos outros. Isso pressupõe um coração livre e em processo constante de purificação e discernimento, para relacionar-se com as pessoas com verdade e liberdade, sem pretender *«possuir»* nem se deixar *«possuir»* por ninguém. É amar o outro sempre, independentemente do sentimento que provoca em nós.

Viver o Voto de Castidade é chegar, gradualmente, à doação total da própria pessoa ao Amor, como fez Jesus, entregando-se ao Pai e, n'Ele, a todos os homens e mulheres. Amor que se faz ternura, atenção e oblação para que o(a) outro(a), cresça, e que se aprende saboreando o amor e a intimidade que Deus tem reservada a quem entregasse a Ele. Intimidade que se tem acesso, principalmente, por meio da oração. Só quem ama muito pode viver o Voto de Castidade.

«Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece-O porque Deus é amor».

(1Jo 4,7).

«A caridade sempre constituiu, para os consagrados, através dos séculos, o âmbito onde, concretamente, se

vive o Evangelho. Nela, valorizaram a força profética dos seus carismas e a riqueza da sua espiritualidade na Igreja e no mundo».

(PdC 36).

A Castidade «deve ser estimada como um exímio dom da graça. Com efeito, liberta o coração do homem de maneira singular, para que mais se inflame da caridade, para com Deus e para com todos os homens». (PC 12).

«A resposta da Vida Consagrada está, antes de mais nada, na prática alegre da castidade perfeita, como testemunho da força do amor de Deus na fragilidade da condição humana. A pessoa consagrada atesta que aquilo que é visto como impossível pela maioria, torna-se, com a graça do Senhor Jesus, possível e verdadeiramente libertador. Sim, em Cristo, é possível amar a Deus com todo o coração, pondo-O acima de qualquer outro amor, e amar assim, com a liberdade de Deus, toda a criatura! Este testemunho é, hoje, mais necessário do que nunca, exatamente por ser tão pouco compreendido pelo nosso mundo».

(VC 88).

«Pelo Voto de Castidade, fruto e expressão do amor pessoal a Cristo, fazemos doação total da nossa vida e dispomo-nos a correr o risco que comporta entregá-la até ao fim ao serviço dos irmãos».

(Const. 12).

«O amor de Castidade é um dom de Deus que acolhemos com gratidão e humildade e que exige, também, um esforço permanente de vigilância evangélica, unindo-nos à fidelidade de Maria e fortalecendo-nos na oração».

(Const. 14).

O Voto de Castidade, abrindo-nos ao amor universal, gratuito e disponível, permite-nos viver em comunidade, como família unida, reunida por e no Senhor Jesus, para vivermos, juntas, a vocação que Ele mesmo escolheu para nós. É a comunidade, a relação, a convivência como irmãs, o âmbito mais imediato para concretizar o nosso amor universal e onde construir a comunhão a que somos chamadas, no modo como Paula a viveu e nos transmitiu.

Para o conseguir, devemos reconhecer e aceitar profundamente, com humildade agradecida, que só Deus nos torna capazes de amar, devemos abrir-nos, com sinceridade, à Sua ação e entregar-nos, decididamente, à dinâmica da relação no amor. Essa dinâmica parte do acolhimento de cada pessoa, aceitando a sua diferença como Vontade de Deus que não quis criar duas pessoas iguais.

A diversidade, que, muitas vezes, torna-se tão difícil para nós, é um presente da criatividade do Espírito, para que vivamos a comunhão em complementaridade de dons e possibilidades, a serviço da comunidade universal. Aceitar o(a) outro(a) como é e fomentar uma boa comunicação são condições indispensáveis para construir a comunhão. A comunicação, isto é, informar, dialogar, partilhar, é o que mais influi na caridade das nossas relações fraternas e possibilita buscar, juntas, a Vontade de Deus, e faz crescer o sentido de pertencimento à família que Deus escolheu para nós. Porém, tratando-se de um caminho humano, é normal que apareçam momentos de tensão ou de conflito que é necessário gerir e superar com o perdão pronto, com a reconciliação sincera que leva a empreender, novamente, a marcha com alegria e com o olhar posto no horizonte do Reino.

«A caridade é paciente, é benigna, rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta».

(cfr. 1Cor 13).

«Amai-vos uns aos outros, com amor fraternal, adiantando-vos em honrar uns aos outros. Alegrai-vos com os

que se alegram, chorai com os que choram. Tende entre vós os mesmos sentimentos.».

(Rom 12,10 ss).

«A vida fraterna, concebida como vida partilhada no amor, é sinal eloquente da comunhão eclesial. Todas essas pessoas empenham-se em viver o mandamento novo do Senhor, amando-se umas às outras como Ele nos amou. O amor levou Cristo a fazer-Se dom até o sacrifício supremo da Cruz. Também, entre os seus discípulos, não há unidade verdadeira sem este amor recíproco e incondicional, que exige disponibilidade para o serviço sem regatear energias, prontidão no acolhimento do outro tal como é, sem o julgar, com a capacidade de perdoar até “setenta vezes sete”».

(VC 42).

«Espiritualidade de comunhão é ainda a capacidade de ver, antes de mais, nada, o que há de positivo no outro, para acolhê-lo e valorizá-lo como dom de Deus; é saber criar espaço para o irmão, levando os fardos uns dos outros. O irmão e a irmã fazem-se sacramento de Cristo e do encontro com Deus, a possibilidade concreta e, mais ainda, a necessidade insubstituível para poder viver o mandamento do amor recíproco e, portanto, a comunhão trinitária».

(PdC 29).

«O ambiente fraterno de verdade, no amor, é espaço de crescimento, pessoal e comunitário, para uma capacidade de entrega concreta e universal».

(Const. 13).

«A comunidade é, também, espaço de crescimento das pessoas na aceitação, valorização e confiança mútuas; permanece unida nas tensões e dificuldades pelo perdão e pela reconciliação; realiza e revê o compromisso comum, assumido como caminho para a construção da comunidade em serviço».

(Const. 31).

«A alegria e a serenidade, a amizade sincera, o esquecimento próprio e a delicadeza no trato são expressão de uma comunhão fraterna marcada pela simplicidade, que caracteriza o nosso espírito de família, e dão à comunidade capacidade de abertura e de acolhimento».

(Const. 32).

Se o amor que nos move é verdadeiramente a caridade de Cristo, descobriremos o Seu rosto, sobretudo, nos rostos daqueles com quem Ele mesmo se identifica: *«Tive fome e destes-me de comer...»* (cfr. PdC 34).

Na Cruz, Jesus Cristo revelou-nos a dimensão mais profunda do Deus-Amor. Amor *«até ao extremo»*, Amor-Crucificado, companheiro de todos os seres humanos crucificados, próximo e presente em todos aqueles cuja dignidade de filhos e filhas não é reconhecida nem respeitada. Este Amor é a origem do *«amor preferencial»* do Coração Misericordioso de Deus, do Amor de Jesus Cristo, amigo dos pobres e marginalizados, denunciando, assim, que a Humanidade não será a Comunidade de Deus enquanto exista, na família humana, a discriminação e a marginalização. Por isso, o coração de Paula foi tão sensível a essa realidade.

«O Espírito do Senhor está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para anunciar a boa-nova aos pobres».

(Lc 4,18 ss).

«A opção pelos pobres inscreve-se na própria dinâmica do amor, vivido segundo Jesus Cristo. Assim estão obrigados a ela todos os seus discípulos, mas aqueles que querem seguir o Senhor mais de perto, imitando as suas atitudes, não podem deixar de se sentir implicados de modo absolutamente particular, em tal opção».

(VC 82).

«O Papa indica, também, um ponto concreto de espiritualidade, quando convida a reconhecer, na pessoa dos pobres, uma presença especial de Cristo, que impõe à Igreja uma opção preferencial por eles. É, por meio dessa opção, que também os consagrados devem testemunhar o estilo do amor de Deus, a sua providência e a sua misericórdia».

(PdC 34).

«Com o dinamismo da caridade, do perdão e da reconciliação, os consagrados dedicam-se a construir, na justiça, um mundo que ofereça novas e melhores possibilidades à vida e ao desenvolvimento das pessoas».

(PdC 35).

«Seguir Cristo pobre exige uma radical pobreza de coração que nos abre a Deus e aos outros, tornando-nos capazes de ser permanentemente evangelizadas, em especial pelos mais pobres».

(Const. 16).

O amor seria incompleto se não abraçasse, também, a terra criada por Deus com todas as criaturas; todos os seres criados estamos fortemente ligados a este Deus Criador e à Providência universal. Jesus foi um contemplativo da natureza e, frequentemente, a torna objeto

de Seu ensinamento nas parábolas. O nosso mundo consumista, tão preocupado com o seu próprio bem-estar, não hesita em usar e manipular a natureza, segundo os seus interesses econômicos imediatos, sem cair na conta de que está destruindo a sua própria casa e a base do bem-estar, além de privar dos recursos da Terra as gerações futuras. Amar, com coração feminino, a Terra que Deus nos deu, contemplá-la e admirá-la, cuidar dela e ser verdadeiras educadoras, também, no campo da Ecologia, é um grande desafio contemporâneo.

«Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não estiver na videira, assim acontecerá convosco se não estiverdes em Mim».

(Jo 15,4).

«Como podemos ser indiferentes perante as perspectivas de um desastre ecológico, que torna vastas áreas do planeta inabitáveis e inimigas do homem?».

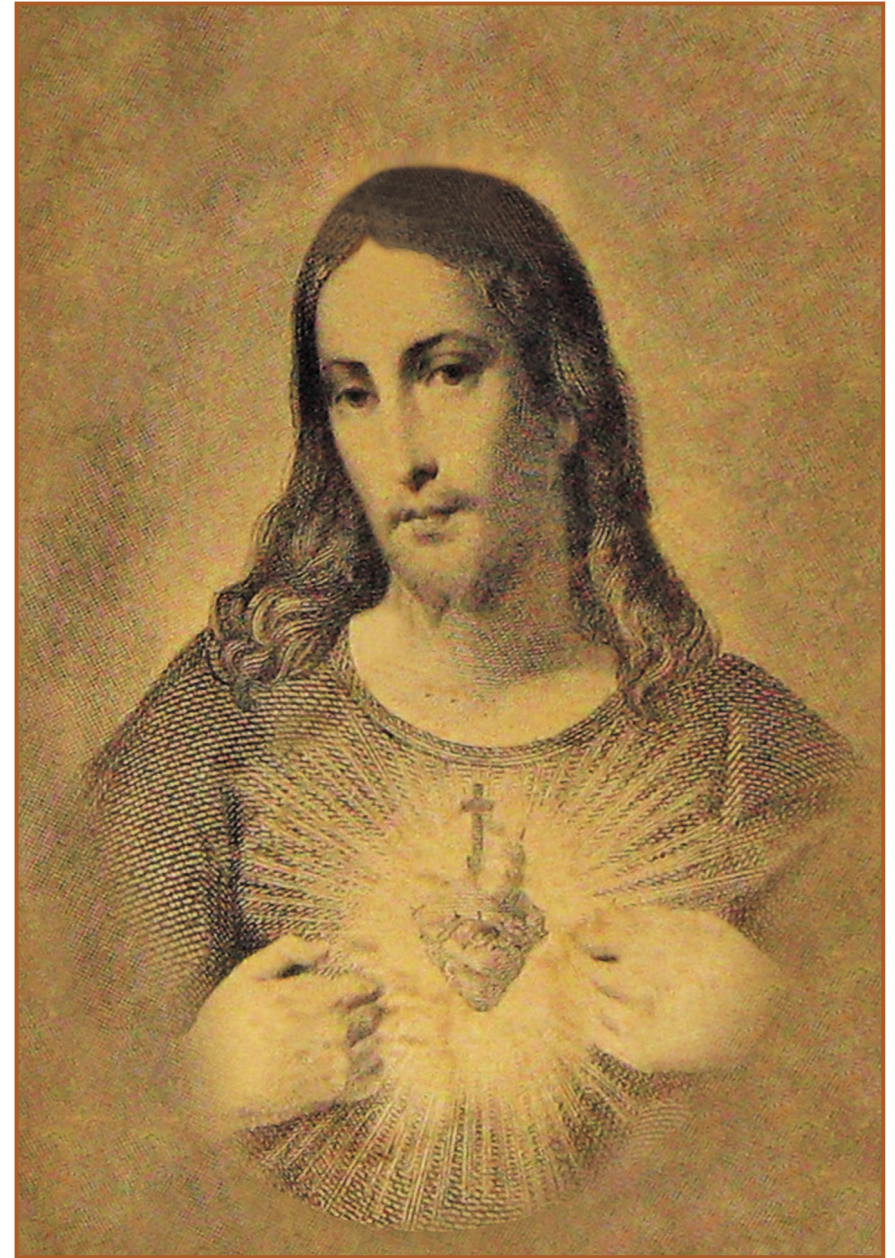
(NM I 51).

«Para nos responsabilizarmos pelo planeta, devemos responsabilizarmo-nos pelos seus talentos. Mas o planeta está privado dos talentos das mulheres, que nunca foram aplicados às questões fundamentais da vida. O que o feminismo pretende é uma autêntica coparticipação no cuidado da Terra...».

(J. Chittister. Fogo sob as cinzas).

«Pelo voto de Pobreza, imitamos Jesus Cristo na sua atitude, frente aos bens da criação. Porque os valorizamos, queremos tornar verdade a fraternidade universal, partilhando quanto somos e temos; porque não os absolutizamos, queremos usá-los de coração livre, no despojamento e na austeridade».

(Const. 15).



CAPÍTULO 5

UM MODO DE AGIR:
“NÃO TER OUTRO FIM SENÃO
A MAIOR GLÓRIA DE DEUS
E O MAIOR BEM DAS ALMAS”



I • AS ORIGENS

Um modo de agir

Para Paula, foram evidentes, desde o princípio, a finalidade do Instituto que Deus a chamou a fundar e as metas a alcançar, em tudo o que realiza. Assim o foi expressando, com insistência, ao longo da sua vida, e legou-nos como bela herança:

«...para a maior glória de Deus e bem do próximo, único fim do nosso Santo Instituto e meta de todas as nossas obras, palavras e aspirações».

(C 89,4)

A maior glória de Deus, o Reino e a sua Justiça são o horizonte sob o qual Paula orienta a sua vida e a sua Obra; são a aspiração mais profunda do seu coração apaixonado, a motivação e o fim de todas as suas ações; e porque a glória de Deus é o bem da pessoa humana, Paula entregou-se totalmente ao *«maior bem das almas»*.

«...que se possa reconhecer que, no seu trabalho, o Instituto não deseja senão a glória de Deus e o bem das almas».

(Const. 51, 249).

«Procuremos o Reino de Deus, a sua justiça e a sua maior glória, que todo o resto não vale um caracol».

(C 473,8).

«Felizes de nós, se a vida que nos resta a empregarmos toda em procurar, unicamente, a maior glória de Deus e a salvação do nosso próximo!».

(C 89,5).

«...eu, por graça de Deus, não sinto outro desejo senão que as Irmãs deem muita glória a Deus, com o exercício

de todas as virtudes religiosas, e que sejam de muito proveito para o próximo, com o seu trabalho, para que Jesus seja conhecido e amado por todos quantos de vós se aproximarem».

(C 303,3).

«Era imenso o seu desejo da glória de Deus e da salvação das almas, e era grande o seu contentamento quando podia anuir ao pedido que as Irmãs lhe faziam de abrir novas casas».

(Mem. pág. 591).

Paula vivia, assim, a convicção de que a missão que lhe estava confiada, bem como ao Instituto, pertencia totalmente a Deus, e que *«sem Ele nada podemos fazer»*; pelo contrário, com Ele podemos tudo. Essa convicção de que Deus é tudo leva-a a dar um valor determinante à Pobreza, que escolhe como “mãe” e “sólido muro” do Instituto. A certeza de que “a missão é de Deus” é acompanhada de sentimentos de profunda gratidão, de total confiança e de abandono filial.

«a missão é de Deus; a Ele compete sustentá-la, dilatá-la e fazer com que seja para sua glória. Portanto, coragem, abandono filial em Deus».

(C 331,5).

«Deus está consigo e essa missão é d’Ele; portanto, grande confiança n’Ele».

(C 342,3).

«A missão é de Deus e as Irmãs são todas de Deus; portanto, Ele pensará em provê-las do guia que lhes for necessário. Se viver abandonada em Deus, jamais lhe faltará coisa alguma».

(C 395,2).

«Sem Deus, somos todos incapacíssimos de fazer o bem, mas, com Deus, podemos tudo, tudo».

(C 536,4).

«Aprenderão, ainda, de Nosso Senhor Jesus Cristo a estima e o amor que devem ter à pobreza, que foi objeto da predileção do nosso Divino Salvador e sua inseparável companheira... Para se conformarem com essas divinas disposições, considerarão a pobreza como mãe e alegrar-se-ão por experimentar, alguma vez, os seus efeitos...».

(Const. 51, 483).

«A santa pobreza, como sólido muro da vida religiosa, deve amar-se e conservar-se com o auxílio da graça divina».

(Const. 51, 155).

«Tudo agradeço, de coração, a Deus e peço-Lhe que se digne a continuar a derramar as suas copiosas misericórdias sobre essa missão, o que, para Sua maior glória, espero que me conceda».

(C 342,1).

«Procedia animada de viva confiança em Deus e persuadida de que, para o bom resultado de atividades sobrenaturais, não se deve contar muito com o próprio engenho e com o próprio parecer, mas em tudo confiar e esperar da Divina Providência».

(Mem. pág. 598).

A convicção de que a Missão é de Deus levava Paula a desejar, com todas as forças, ser instrumento apto em Suas Mãos, «reconhecendo que, sem Ele, apenas poderemos roubar-Lhe a honra e a glória que Lhe são devidas». (Const. 51, 289).

«...vejo, em cada uma de vós, um instrumento de que o misericordiosíssimo Deus quer servir-se, para a Sua maior glória e para o bem do próximo».

(C 757,2).

«...sentimento de alegria, porque sei que cada uma de vós está empenhadíssima na aquisição da própria perfeição, para, assim, tornar-se instrumento apto para realizar grandes coisas, para maior glória de Deus e salvação do próximo».

(C 789,2).

«Animai-vos umas às outras a tornar-vos instrumentos aptos para realizar grandes coisas, para a maior glória de Deus».

(C 790,4).

O que significava para Paula ser «instrumentos aptos» nas mãos de Deus, ela própria nos diz:

«Estejam certas de que, se estiverem inteiramente mortas a si mesmas e em união com Deus, o espírito interior que as animará lhes há de sugerir o que for mais conveniente, segundo as circunstâncias, a natureza das pessoas e as suas necessidades espirituais».

(Const. 51, 577).

«...para isso, estejamos sempre prontas a renunciar a nosso comodismo ou interesse. E felizes de nós se pudermos dizer, com verdade, à hora da nossa morte: nas minhas ações, nunca me procurei a mim mesma, mas, unicamente, a glória de Deus e o bem espiritual do meu próximo».

(C 119,4).

«Os meios mais eficazes são os que unem, mais estreitamente, os seus membros com Nosso Senhor Jesus Cristo, e os dispõem a deixar-se inteiramente governar pela mão divina. Tais são as virtudes sólidas, a caridade, a reta intenção de servir a Deus, a união com Ele, nos exercícios de piedade, o zelo sincero das almas, sem procurar outro interesse senão a maior glória de Nosso Senhor Jesus Cristo».

(Const. 51, 419).

«...os meios naturais, que tornam a pessoa mais útil ao próximo, contribuirão, também, se forem adquiridos, unicamente, para o serviço de Deus, e não para neles pôr a confiança, mas, para com eles, corresponder à graça divina, segundo a ordem da sua providência infinita. Ela quer que sejam orientados para a sua glória os dons naturais que nos concede como criaturas, e também os dons sobrenaturais da graça».

(Const. 51, 420).

«As Irmãs do Instituto também se consagram à salvação e à perfeição do próximo. É por isso que abraçaram um gênero de vida ordinário, simples e comum, que, no exterior, nada apresenta que possa amedrontar e afastar as almas que ardentemente desejam ganhar para o Senhor».

(Const. 51, 564).

«Com a verdadeira humildade do coração e confiança sem limites na bondade de Deus, estaremos dispostas a fazer as maiores e mais heroicas ações para a glória do próprio Deus, como fizeram os Santos».

(C 293,5).

Ser facho ardente, isto é, consumir-se, sendo luz e calor para os outros, tanto no viver cotidiano como mediante as obras apostólicas que Deus lhe inspirou, foi constante aspiração e desejo de Paula. Mas a sua própria experiência lhe dizia que isso só é possível a quem se deixa invadir pelo santo Amor de Deus.

«Portanto, por caridade, fazei todo o esforço por vos desprender de vós mesmas, a fim de que o santo amor de Deus vos invada e vos torne fachos ardentes que iluminem e aqueçam quantos de vós se aproximarem».

(C 316,4).

«Deus vos conserve no seu santo amor, e vo-lo aumente, de dia para dia, de momento para momento, de tal maneira, que possais acender o fogo onde quer que chegueis. Inflamai todos no santo amor, inflamai todos os que de vós se aproximarem».

(C 363,9).

«...para lhes ganhar o coração, facilmente o conseguirão se os seus corações estiverem possuídos do amor de Deus, que bem saberá sugerir-lhes as mais delicadas e santas iniciativas para se ocuparem, com fruto, daquelas almas que custaram a Jesus Cristo o sangue e a vida».

(Const. 51, 490).

«...por amor do nosso Amor, tudo deveria parecer pouco».

(C 11,6).

As Constituições de 1851 são como um canto que brota do zelo apostólico que ardia no coração de Paula e que transmitia com a vida e com as palavras.

«Iluminadas pela luz da fé acerca do valor das almas, sacrificar-se-ão, generosamente, para reparar a ultrajada glória e amor de Deus, animadas de um ardente desejo de Lhe ganhar almas. Para o conseguir, estarão bem persuadidas de que Deus é tudo, e o resto é nada».

(Const. 51, 483).

«No gênero de vida adotado pelas Religiosas de Santa Dorotheia, não há momento algum, em que possam descurar-se da edificação e do bem do próximo, estimulando a sua caridade, animando ou moderando o seu zelo, dando-lhes salutareis conselhos e sugestões quanto ao modo de se conduzirem».

(Const. 51, 596).

«...não basta um zelo qualquer para sustentá-la [a Pia Obra]; é necessário um zelo esclarecido e fervoroso; [as Irmãs] não deverão ser nem Zeladoras nem Assistentes, mas esforçar-se-ão para que não esmoreça o zelo de tais colaboradoras para com as meninas».

(Const. 51, 206).

«Oh! Felizes de vós que fostes eleitas por Deus para tão bela empresa! [as Missões] Coragem... e correspondência».

(C 329,3).

«Recomendo, ainda, muita oração e muito exercício de mortificação, porque todos temos necessidade, para não nos iludirmos, julgando que seja tudo zelo aquele ardor que nos agita e perturba, quando vemos que as coisas não vão como queríamos».

(C 729,3).

Paula não se contenta com fazer o bem aos outros, mas, possuída pelo amor de Deus, movida pelo seu grande zelo e atraída pelo magis inaciano, busca realizar, em cada momento e sempre, o maior bem.

«...terão sempre, em vista, o maior bem que pode resultar para a maior glória de Deus Nosso Senhor».

(Const. 51, 338).

«Correspondei, minhas amadíssimas Irmãs, a tanta bondade de Deus para convosco, amando-O muito, muito! Procurai, também, que seja conhecido e amado pelo vosso próximo, no maior número possível; e, quando não puderdes ajudá-lo com a ação, ajudai-o com a oração e com generosos sacrifícios que oferecereis a Deus, em seu benefício».

(C 750,3).

«...pelo que é preciso que nos empenhemos, a todo o custo, em fazer o maior bem possível».

(C 302,3)

«A glória de Deus e o bem do próximo eram a alma daquele zelo em que ardia. Um zelo que não se limitava a sentimentos estéreis, mas passava à prática, sem deixar fugir ocasião alguma de fazer o bem».

(Mem. pág. 588).

«Tinha sempre o olhar na glória de Deus e no bem do próximo, sobretudo espiritual; e essas duas coisas pareciam ser a habitual preocupação do seu espírito».

(Testemunhos do Processo de Beatificação)

«Se são Religiosas, educarão a juventude no temor de Deus e isto basta. O que importa é que o bem se faça. De resto, se o Senhor quiser servir-se de nós, agradeçamo-Lhe humildemente; se julgar melhor servir-se de outrem, bendigamo-Lo sem sombra de inveja».

(Mem. pág. 548).

Paula, totalmente aberta à ação do Espírito e atenta à realidade de seu tempo, de *«deplorável descuido»*, no campo educativo, em particular da mulher, acolhe, com entusiasmo, o chamamento a participar na missão de Jesus Cristo, por meio da Educação, e a ela se entrega, com empenho e criatividade, segundo um estilo próprio: a via do coração e do amor.

«...pela via do coração e do amor, pode conseguir-se tudo, mas um pouco de cada vez».

(C 663,6).

«...procurará conquistar o respeito e a afeição das meninas. Falo-á com muita mansidão, indulgência e caridade, estimulando-as ao bem, repreendendo-as, com suavidade, tendo com elas conversas particulares, nas quais, poderá descobrir o que lhes vai no coração e ganhar-lhes a confiança».

(Const. 51, 305).

«...não devem usar modos ásperos e castigos, nem reivindicar direitos e autoridade, mas usar boas maneiras e amáveis avisos, como convém entre irmãs».

(Const. 51, 209).

«Terá com todas um coração de mãe, e procurará ganhar-lhes a confiança com suavidade, bondade e justiça».

(Const. 51, 273).

«Na correção, usem uma suave firmeza».

(Const. 51, 280).

«Por caridade, recomendo-lhe que a acompanhe, mas de modo a fazê-la amar, aprender e praticar o espírito de mansidão e de amor que se pratica e deseja no Instituto; caso contrário, arruinará a obra de Deus».

(C 663,5).

«Enfim, procure tratar esse assunto com toda a energia, mas com extrema prudência, pelo caminho da afeição».

(C 162,4).

«Enternecia-se [com as pequeninas] e o seu coração não podia suportar que fossem tratadas com pouco amor».

(Mem. pág. 80).

«À gravidade e à firmeza de ânimo, uniam-se uma simplicidade de espírito e uma naturalidade no trato, que lhe mereciam, ao mesmo tempo, o respeito e a confiança de todos».

(Mem. pág. 589).

O caminho do coração e do amor é a pedagogia que Paula desejava que se usasse com todas as pessoas, com uma única finalidade: **ganhar os corações** e orientá-los para **Aquele por Quem foram criados**.

«...procurarão, segundo a graça que Deus lhes comunicar, ganhar os corações das meninas e de todas as pessoas e orientá-los, inteiramente, para Aquele para Quem foram criados. E estejam bem convencidas de que deve ser esta uma nota característica do Instituto: quem tratar uma vez com as Irmãs tenha o desejo de as encontrar de novo».

(Const. 51, 238).

«Não descurem de meio algum para, cada vez mais, conduzir e afeiçoar a Deus, para lhes ganhar o coração. Facilmente o conseguirão se os seus corações estiverem possuídos do amor de Deus, que bem saberá sugerir-lhes as mais delicadas e santas iniciativas para se ocuparem, com fruto, daquelas almas que custaram a Jesus Cristo o sangue e a vida».

(Const. 51, 490).

«O mesmo lhe recomendo para levar a terem por si aquela estima e amor tão necessários para que possa entrar nos corações e nos ânimos daquelas que Deus lhe deu para governar e conduzir a Ele».

(C 769,4).

«...com os seus bons modos, com os seus cuidados e com a sua materna solícitude, procurava ganhar, para si e para Deus, aqueles ânimos exasperados».

(Mem. pág. 77).

Ainda que, no coração universal de Paula, «a caridade e o zelo das almas se estenda a todos sem distinção» (Const. 51,38) e à semelhança de São Paulo deseje fazer-se toda «para todos, para ganhar todos para Jesus Cristo» (Const. 51,108), «cujo amor abraça todos os homens» (Const. 51,109), ela mostra, sem dúvida, muito claramente, e recomenda-a, uma **inclinação particular** para com as pessoas mais desfavorecidas.

«Embora todas as alunas confiadas aos seus cuidados sejam merecedoras da sua afeição, contudo lhes é permitida uma inclinação particular, e será para com as meninas mais pobres e rudes... A sua pobreza e a sua ignorância, os seus modos rudes são títulos que devem atrair a afeição e o zelo das irmãs de Santa Doroteia».

(Const. 51, 498).

«Sejam muito solícitas em se informarem se, na Paróquia, existem meninas inclinadas ao mal e descuradas; e, dessas, como mais necessitadas de ajuda, ocupem-se de modo particular».

(Const. 51, 232).

«Se lhes é permitido ter, para com as alunas, alguma predileção que se possa chamar justa e louvável, deverá ser para com as pobres, considerando uma graça o fato de serem destinadas à formação dessas crianças, cuja condição Jesus Cristo amou tanto que quis nascer, viver e morrer na maior pobreza».

(Const. 51, 130).

«Desse modo, não se diminuí o bem, mas apenas se muda da classe das de boa condição para a das pobres, e, talvez, isso agrade mais a Deus e também aos homens».

(C 401,1).

A meta final da ação educativa de Paula não acaba na dimensão pessoal, no fazer o maior bem possível às pessoas e a quantas mais, melhor. O seu horizonte vai mais além, a sua aspiração mais profunda é colaborar com Jesus para reformar o mundo e conduzi-lo à verdadeira vida, e preparar apóstolas, para este fim.

«Pode dizer-se que educar bem as crianças é reformar o mundo e conduzi-lo à verdadeira vida, como manifesta Cristo na sua doutrina».

(Const. 51, 207).

«Formando as meninas, a Pia Obra pode formar a metade da geração que surge. Se esta crescer boa, sendo tão grande a influência da educação das mães sobre os filhos, também a outra metade deverá necessariamente melhorar».

(Const. 51, 207).

«E quanto bem não pode fazer uma mulher verdadeiramente cristã, uma mãe de família solidamente cristã, virtuosa e cumpridora dos próprios deveres!»

(Const. 51, 250).

«Pode, ainda, afirmar-se que, por intermédio delas, transmitem-se à geração seguinte o amor, o conhecimento e a prática da religião. Além disso, quantos outros efeitos benéficos não produzirão, no mundo, os seus exemplos edificantes e as virtudes que a adornam».

(Const. 51, 251).

«...de uma multidão inumerável de meninas que terão formado à imagem de Jesus e que, no mundo, propagarão o seu culto e a sua glória, e serão ótimas colaboradoras da Pia Obra».

(Const. 51, 264).

«A experiência tem provado que os Exercícios Espirituais são um dos meios mais poderosos para conduzir a uma vida mais perfeita as almas sobre as quais Deus tem desígnios particulares».

(Const. 51, 335).

«...quando, completada a vossa educação, regressardes ao seio das vossas famílias; sereis, para elas, verdadeiros anjos de paz e de consolação, e os vossos exemplos atrairão outras jovens, como vós, a amar a virtude e a praticá-la. Sereis, assim, apóstolas no meio do mundo».

(C. 336, 2.3., às alunas do Recife).

I • HOJE Um modo de agir II

O caminho de realização e de felicidade que Deus traçou à Humanidade no princípio dos tempos - crescer até a plena dignidade de Filhos(as), amar-se como Família e governar a Terra, para que seja casa de todos(as) (cfr. Gn 1,28) - está muito longe de se verificar neste nosso mundo do início do Terceiro Milênio.

A atividade humana, atualmente, apesar de contar com tantos e tão admiráveis progressos da ciência e da técnica, não garante a harmonia na casa comum da Humanidade. Com efeito, a destruição sem controle do planeta, a injusta e absurda distribuição dos bens, o abuso de poder, o ritmo desumano, o estresse, a falta de trabalho para muitos(as) evidenciam que estamos muito distantes do *«sonho de Deus»*.

Não é de se estranhar que, nessa situação, seja difícil manter viva a Esperança e que exista uma profunda crise de Esperança. Mas Jesus veio anunciar a BOA-NOVA de que é possível transformar o mundo, segundo o Coração de Deus. Ele mesmo é o HOMEM NOVO que vive e proclama os valores do Reino; deixou-nos o Espírito como *«Agente do Reino»*, além de confiar à Igreja a missão de viver e ensinar que o objetivo de toda a atividade humana deve ser a construção desse mundo novo, cuja lei é a *«verdade e a vida, a santidade e a graça, a justiça, o amor e a paz»*.

A Igreja afirma que a Vida Consagrada *«constitui memória viva da forma de existir e de atuar de Jesus»*. (VC 22). Referindo-se concretamente à mulher, espera *«...que, de um reconhecimento mais profundo da missão da mulher, resulte, para a Vida Consagrada feminina, uma consciência sempre maior da própria função e uma crescente dedicação à causa do Reino»*. (VC 58)

Como Paula, somos chamadas a viver hoje, com Cristo, a paixão pelo Reino, a dispor, ao seu serviço, todos os dons da vocação de mulher e a ser, assim, profecia para o nosso mundo sem Esperança.

«Tenho de anunciar, também, a Boa-Nova do Reino de Deus às outras cidades, pois para isso é que fui enviado».

(Lc 4,43).

«...fui Eu que vos escolhi e vos nomeei para irdes e dardes fruto, e para que o vosso fruto permaneça».

(Jo 15,16).

«Pode dizer-se que o Espírito Santo é o agente principal da evangelização. Somente Ele suscita a nova criação, a humanidade nova que a evangelização há de ter como objetivo. Por meio dele, o Evangelho penetra no coração do mundo, porque é Ele que faz discernir os sinais dos tempos – os sinais de Deus – que a evangelização descobre e valoriza no interior da história».

(EN 75).

«À imagem de Jesus, dileto Filho a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo, também aqueles que Deus chama a seguir Cristo são consagrados e enviados ao mundo para imitar o seu exemplo e continuar a sua missão. Na sua vocação, portanto, está incluído o dever de se dedicarem totalmente à missão; mais, a própria Vida Consagrada, sob a ação do Espírito Santo, torna-se missão, tal como o foi toda a vida de Jesus».

(VC 72).

«O zelo pela instauração do Reino de Deus e pela salvação dos irmãos vem, assim, constituir-se a melhor pro-

va de uma doação autenticamente vivida pelas pessoas consagradas. Damo-nos conta, de modo particular, do valor apostólico realizado com a generosidade e a peculiar riqueza inerente ao ‘gênio feminino’, pelas mulheres consagradas».

(PdC 9).

«...a Congregação das Irmãs de Santa Doroteia, totalmente dedicada a continuar a missão de Jesus Cristo no mundo».

(Const. 1).

«Sentir com a Igreja é permanente exigência de universalidade, prontidão e compromisso, na nossa atitude de serviço ao Reino».

(Const. 8).

Viver e testemunhar o Reino exige identificar-se com os critérios de atuação de Jesus, contrários à corrente do mundo que exalta, acima de tudo, o saber, o ter e o poder. Jesus realiza a sua missão como serviço, cuja eficácia provém do Pai e é transmitida pelo Mistério Pascal.

«...o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida pelo resgate de muitos».

(Mt 20, 28).

«Eu nada posso fazer por Mim mesmo, porque não busco a Minha vontade, mas a vontade d’Aquele que Me enviou».

(Jo 5,30).

«Se o grão de trigo não morrer, fica ele só; mas, se morrer, dá muito fruto».

(Jo 12,24).

“Jesus revela, progressivamente, as características e as exigências do Reino, mediante as suas palavras, as suas obras e a sua pessoa”. Trabalhar pelo Reino quer dizer reconhecer e favorecer o dinamismo divino que está presente na história humana e a transforma”.

(RM 14).

«O mundo reclama e espera de nós simplicidade de vida, espírito de oração, caridade para com todos, especialmente para com os pequeninos e os pobres, obediência e humildade, desapego de nós mesmos e renúncia. Sem esta marca de santidade, dificilmente a nossa palavra fará a sua caminhada até atingir o coração do homem dos nossos tempos; ela corre o risco de permanecer vã e infecunda».

(EN 76).

«A Vida Consagrada mostra, eloquentemente, que quanto mais se vive de Cristo, tanto melhor se pode servi-Lo nos outros, aventurando-se até os postos de vanguarda da missão, e abraçando os maiores riscos».

(VC 76).

«Uma existência transfigurada pelos conselhos evangélicos torna-se testemunho profético e silencioso, mas, ao mesmo tempo, protesto eloquente em um mundo desumano. Compromete-se na promoção da pessoa e desperta uma nova “fantasia da caridade”».

(PdC 33).

«A nossa decisão de seguir Jesus Cristo, em Castidade, Pobreza e Obediência, é uma contínua resposta de fé ao

amor gratuito de Deus em ordem à radical disponibilidade, pessoal e comunitária, para a construção do Reino».

(Const. 11).

«O processo de nossa transformação em Cristo unifica toda a nossa vida, tornando-nos apóstolas de fé inabalável e operativa que, em total abandono ao Pai, não têm outra intenção nem outro desejo a não ser a realização da sua Vontade».

(Const. 6).

Seguir Jesus Cristo, em seu modo de agir, exige viver e manifestar ao mundo que Deus, é a única riqueza do homem (Cf. VC 21), a sua verdadeira segurança e a autêntica fonte de Esperança. Esse é o significado profundo do Voto de Pobreza. Quem descobre Deus, como o grande tesouro pelo qual vale a pena *«vender tudo»*, entrega-Lhe o protagonismo da própria vida com um coração pobre, agradecido e alegre; considera secundário tudo o mais e, situando *«os bens»* em seu verdadeiro valor, usa-os com discernimento e a serviço do amor.

Dessa liberdade interior, em contínuo movimento de conversão, dessa tensão de Esperança, nascem a gratuidade, o desprendimento, o desapego, a aceitação dos limites, próprios e alheios, a alegria de partilhar, a entrega generosa ao serviço dos outros, em particular, o pobre, o pequeno. Nasce o chamamento a viver um estilo de vida simples, sóbrio e austero, livre *«da escravidão das coisas e das necessidades artificiais às quais arrasta a sociedade de consumo»*. (PdC 22). Nasce, ainda, o compromisso com a defesa da justiça, visando a superar as grandes e crescentes desigualdades que existem e a construir um mundo justo, onde *«os bens»* estão a serviço do crescimento da Pessoa e da Comunidade, testemunhando, ao mesmo tempo, o *«ainda não»*, a certeza serena e feliz de que só Deus é plenitude para o ser humano.

«...Jesus disse: Bendigo-te, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e aos entendidos e as revelaste aos pequeninos».

(Mt 11,25).

«Tendo convocado os doze, enviou-os a proclamarem o Reino de Deus e a curarem os doentes, e disse-lhes: “Nada leveis para o caminho: nem cajado, nem alforge, nem pão, nem dinheiro, nem tendais duas túnicas”.

(Lc 9, 1-3).

«O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Ele me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; para proclamar a libertação aos cativos”.

(Lc 4, 18, ss).

«...a pobreza evangélica é um valor em si mesma, enquanto faz lembrar a primeira das bem-aventuranças na imitação de Cristo pobre. Com efeito, o seu primeiro significado é testemunhar Deus como a verdadeira riqueza do coração humano. Mas, por isso mesmo, ela contesta, vigorosamente, a idolatria do dinheiro, propondo-se como apelo profético, lançado a uma sociedade que, em tantos lugares do mundo abastado, arrisca-se a perder o sentido da medida e o próprio significado das coisas. Desse modo, às pessoas consagradas, é pedido um renovado e vigoroso testemunho evangélico de ab-negação e sobriedade, em um estilo de vida fraterna, inspirada por critérios de simplicidade e de hospitalidade. Tal testemunho há de ser, naturalmente, acompanhado pelo amor preferencial pelos pobres e manifestar-se-á, de modo especial, na partilha das condições de vida dos mais desfavorecidos».

(VC 90).

«...os consagrados dedicam-se a construir, na justiça, um mundo que ofereça novas e melhores possibilidades à vida e ao desenvolvimento das pessoas. A fim de que uma tal intervenção seja eficaz, é necessário possuir um espírito de pobre, purificado de interesses egoístas, disposto a executar um serviço de paz e de não violência, em uma atitude solidária cheia de compaixão pelo sofrimento alheio».

(PdC 35).

«Seguir Cristo pobre exige uma radical pobreza de coração que nos abre a Deus e aos outros e torna-nos capazes de ser permanentemente evangelizadas, em especial pelos mais pobres».

(Const. 16).

«Pelo Voto de Pobreza, imitamos Jesus Cristo na sua atitude frente aos bens da criação. Porque os valorizamos, queremos tornar verdade a fraternidade universal, partilhando quanto somos e temos; porque não os absolutizamos, queremos usá-los de coração livre, no desprendimento e na austeridade».

(Const. 15).

“A consciência da situação de pecado que divide os homens obriga-nos ao empenho pela justiça, em uma solidariedade efetiva com a causa dos pobres”.

(Const. 17).

«A contínua conversão ao Evangelho, pessoal e co-letiva, é o caminho de libertação de toda a espécie de segurança e condição indispensável para ser e aparecer verdadeiramente pobres».

(Const. 19).

Paula, atenta à voz de Deus e às urgências de seu tempo, acolheu, com entusiasmo, o chamamento a participar na construção do Reino, com Jesus Cristo, por meio da Missão Educativa.

A Educação continua a ser uma urgência e uma grande potencialidade para a Evangelização porque, hoje mais do que nunca, é urgente ajudar a pessoa a descobrir que é amada por Deus e a acreditar nesse amor, para que possa crescer, até a plenitude da maturidade em Cristo (cfr. Const. 26), e contribuir para a transformação do mundo. «*Evangelizar por meio da Educação*» (Const. 26) constitui-se uma Missão que as mudanças amplas e profundas da sociedade tornam, cada vez mais, urgente e que não se reduz a ações e tempos concretos, a Obras visíveis e reconhecidas, que, devidamente atualizadas, continuam a ser âmbitos e canais de educação. É, sobretudo, com a vida e na vida que se educa, se evangeliza: relação com Deus, contatos humanos, relações fraternas, uso das coisas, atividade apostólica. No cotidiano de cada pessoa educadora, pela «*via do coração e do amor*», tudo deve levar o(a) outro(a) a fazer a experiência de ser amado(a). (cfr. Const. 51, 596).

«Aproximando-se deles, Jesus disse-lhes: Ide, pois, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E Eu estarei sempre convosco, até o fim do mundo».

(Mt 28,18-20).

«Desse modo, levados pela viva afeição que sentíamos por vós, desejávamos compartilhar convosco, não só o Evangelho de Deus, mas a própria vida, tão caros vos tínheis tornado para nós. Lembrai-vos, irmãos, dos nossos trabalhos e fadigas enquanto vos anunciávamos o Evangelho de Deus. Vós mesmos sois testemunhas e também Deus, de quão santa, justa e irrepreensivelmente nos portamos convosco, os crentes. E bem sabeis que, tal como um pai aos próprios filhos, nós vos exortamos, anima-

mos. Por isso, damos incessantes graças a Deus, porque, depois de haverdes recebido a palavra de Deus, por nós pregada, a aceitastes, não como palavra de homem, mas como Palavra de Deus».

(1 Ts 2,8 e ss).

«Em cada lugar e situação, as pessoas consagradas sejam ardorosas anunciadoras do Senhor Jesus, prontas a responder, com a sabedoria evangélica, às interpelações feitas, hoje, pela inquietude do coração humano e pelas suas urgentes necessidades».

(VC 81).

«No exercício dessa missão apostólica, ser e fazer são inseparáveis, pois o mistério de Cristo constitui o fundamento absoluto de toda a ação pastoral. Ao participar da missão da Igreja, as pessoas consagradas não se limitam a dar uma parte do seu tempo, mas toda a sua vida».

(PdC 34).

«Graças à peculiar experiência dos dons do Espírito, à escuta assídua da Palavra e ao exercício do discernimento, pelo rico patrimônio de tradições educativas acumuladas no tempo, pelo próprio Instituto, os consagrados e as consagradas podem desenvolver uma ação particularmente eficaz».

(PdC 39).

“O missionário é o homem da caridade: para poder anunciar a cada irmão que é amado por Deus e que pode ele mesmo amar, deve dar testemunho de caridade para com todos, entregando a vida pelo próximo”.

(RM 89).

«Pela nossa vocação na Igreja, somos enviadas a evangelizar, por meio da Educação, com preferência pela juventude e pelos mais pobres. Educar, para nós, significa deixar-nos possuir pela pedagogia do Evangelho que leva o homem a descobrir que é amado por Deus, a acreditar nesse amor e a crescer como pessoa, até a plenitude da maturidade em Cristo».

(Const. 26).

Paulo VI exorta todos os verdadeiros evangelizadores a serem dignos dessa vocação e a não se descuidarem das condições que a tornam não só possível, mas também ativa e fecunda. (cfr. EN 74). A principal dessas condições é ser realizada sob a ação do Espírito, como se evidencia no envio dos discípulos por Jesus. Somente se vivida sob a ação do Espírito, a nossa Missão Educativa ajudará a crescer em humanidade (cfr. PdC 39), tornando o Reino a meta de todas as ações. A nossa Missão apresenta um caráter de universalidade que nos leva a realizá-la em diversas partes do mundo, em particular, onde são maiores as urgências, o que nos possibilita entrar em comunhão com diversas formas de cultura. Isso exige ter um coração aberto e universal, misericordioso e com atenção prioritária pelos excluídos de hoje, humilde e com capacidade de escuta, mas, ao mesmo tempo, criativo para aculturar o Evangelho com a *«fantasia da caridade»*. (PdC 36).

«E Ele disse-lhes: assim como o Pai Me enviou, também Eu Vos envio a vós. Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo».

(Jo 20,21-22).

«Senhor, quando foi que Te vimos com fome e Te demos de comer, ou com sede e Te demos de beber? Quando Te vimos peregrino e Te recolhemos, ou nu e Te vestimos?»

E quando Te vimos doente ou na prisão e fomos visitar-Te? E o Rei dir-lhes-á em resposta: Em verdade vos digo: Sempre que fizestes isso a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes».

(Mt 25,37-40).

«A pessoa consagrada, deixando-se transformar pelo Espírito Santo, torna-se capaz de ampliar os horizontes dos limitados desejos humanos e, ao mesmo tempo, captar as dimensões profundas de cada indivíduo e sua história, por detrás dos aspectos mais vistosos, mas tantas vezes marginais. Inumeráveis são, hoje, os campos de onde emergem desafios, nas várias culturas».

(VC 98).

«Em um tempo, em que se invoca uma nova fantasia da caridade, a vida consagrada [não pode] deixar de sentir a urgência de continuar, com a criatividade do Espírito, a surpreender o mundo com novas formas de amor evangélico efetivo para as necessidades do nosso tempo».

(PdC 36).

«A ação confiante e empreendedora dos missionários e das missionárias deverá responder, sempre melhor, à exigência da aculturação, de tal modo, que os valores específicos de cada povo não sejam renegados, mas purificados e levados à plenitude».

(PdC 37).

«...a caridade abre-se, pela sua natureza, ao serviço universal, orientando-nos à prática de um amor ativo e concreto para cada ser humano. Apoiando-nos nas indiscutíveis palavras do Evangelho, na pessoa dos pobres,

há uma presença especial Sua, que impõe à Igreja uma opção preferencial por eles. Mediante essa opção, testemunha-se o estilo do amor de Deus, a Sua providência, a Sua misericórdia, e, de algum modo, semeiam-se, ainda, na história, aquelas sementes do Reino de Deus que o próprio Jesus deixou na Sua vida terrena, indo ao encontro de quantos recorriam a Ele para toda a espécie de necessidades espirituais e materiais».

(NMI 49).

«A inserção na realidade, a atenção às prioridades da Igreja local, a determinação de ir aonde houver maiores esperanças de um maior serviço aos homens, expressam a audácia da fé e a paixão pelo Reino que impulsionaram Paula Frassinetti e que têm de continuar a marcar a nossa vontade comum de dar a vida até o fim».

(Const. 28).

«Na nossa ação educativa, procuramos, em fidelidade às orientações da Igreja, promover a justiça e a fraternidade universal».

(Const. 27).

O coração feminino, dotado de grande sensibilidade para com a beleza e a vida não só do ser humano, mas também de toda a criação, não pode ficar indiferente perante as perspectivas de um desastre ecológico que torna inóspitas e inimigas do homem vastas áreas do planeta. (cfr. NMI 51). Dessa situação, emerge um chamamento urgente à nossa Missão Educativa: colocar a nossa intuição e criatividade feminina a serviço da Educação, no campo da Ecologia.

«...quer o mundo, quer a vida, quer a morte, quer o presente, quer o futuro, tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus».

(1 Cor 3, 22-23).

«...hoje, mais do que em outras épocas, a sua solicitação é escutada, com agrado, inclusive, por aqueles que, cientes do caráter limitado dos recursos da Terra, pedem o respeito e a salvaguarda da criação, mediante a redução do consumo, a sobriedade, a imposição de um freio obrigatório aos próprios desejos».

(VC 90).

«Os países ricos consomem recursos em um ritmo insustentável para o equilíbrio do sistema, fazendo com que os países pobres sejam cada vez mais pobres».

(PdC 45).

«...imitamos a atitude de Jesus Cristo perante os bens da criação. Porque os valorizamos, queremos tornar verdade a fraternidade universal, partilhando quanto somos e temos; porque não os absolutizamos, queremos usá-los de coração livre, no despojamento e na austeridade».

(Const. 15).

Comprometer-se em construir um mundo de comunhão no *«modo de agir»*, passa hoje, necessariamente, pela colaboração ativa com outros, pessoas e organismos, que colocam os seus ideais, os seus projetos e as suas forças a serviço da causa comum do Reino. E isso não somente por razões de eficácia, mas, sobretudo, porque *«a força*

da evangelização está certamente vinculada ao testemunho de unidade dado pela Igreja». (EN 77). E Paula, com a sua decisão de construir unidade apostólica com outros(as), assumindo a Pia Obra de Santa Doroteia, preparou a sua Congregação para realizar a Missão educativa encomendada pelo Espírito, em colaboração com outras vocações, animada, unicamente, pelo espírito profundo de «buscar sempre e em tudo a maior glória de Deus, pelo maior serviço aos homens». (Const. 1).

«Não extingais o Espírito, não desprezeis as profecias. Examinai tudo e retende o que for bom».

(1 Ts 5,19-21).

«...a cultura há de desenvolver-se, em nossos dias, de tal maneira que cultive, equilibradamente, a totalidade da pessoa humana e ajude os homens a cumprirem as tarefas para as quais são chamados e, particularmente, os cristãos, fraternalmente unidos, no seio da única família humana».

(GS 56).

«De modo particular, a comunhão de ação, entre os vários carismas, não deixará de garantir, para além do enriquecimento recíproco, uma eficácia mais incisiva na missão».

(VC 74).

«Uma evangelização séria e válida dos novos âmbitos, em que se elabora e transmite a cultura, não pode ser operada sem uma ativa colaboração com os leigos neles empenhados».

(VC 98).

«Vivemos, em comunidade, a nossa entrega radical ao serviço do Reino. O amor de Jesus Cristo é o sentido e a força da nossa vida em comunhão que, na Igreja e como Igreja, quer ser sinal e serviço para a transformação do mundo na grande família de Deus».

(Const. 4).



SIGLAS I

—

C • Cartas de Santa Paula
Const. 51 • Constituições de 1851
Mem • Memórias

SIGLAS II

—

Const. • Constituições 1981
DM • *Dives in Misericordia* – Encíclica. João Paulo II, 1980
EN • A evangelização no mundo contemporâneo
Exortação Apostólica. Paulo VI, 1975
GS • *Gaudium et spes* – Constituição Apostólica. C.
Vaticano II
LG • *Lumen gentium* – Constituição Apostólica. C.
Vaticano II
NMI • *Novo Millennio ineunte* – Carta Apostólica.
João Paulo II, 2001
PC • *Perfectae caritatis* – Decreto. C.
Vaticano II
RM • *Redemptoris Missio* – Encíclica.
João Paulo II, 1990
VC • A Vida Consagrada – Exortação Apostólica.
João Paulo II, 1996
PdC • Partir de Cristo - Congregação para os Institutos de Vida
Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, 2002

Fortalecida pelo ESPÍRITO,
a nossa Consagração em FRATERNIDADE e SERVIÇO,
com CRISTO, na IGREJA, para o mundo,
anuncia a possibilidade de viver já
o AMOR que permanecerá SEMPRE.

(Const. 41)

© Congregação das Irmãs de Santa Doroteia da Frassinetti, 2003
© Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte/MG

Texto IRMÃS DOROTÉIAS DA FRASSINETTI

Revisão LÚCIA NICODEMO

Capa e Editoração INFORMÁTICA E NOVAS TECNOLOGIAS
(Colégio Santa Dorotéia de Belo Horizonte)

Impressão HALT GRÁFICA

2ª edição, 1ª reimpressão – 2016

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D637 Documento de espiritualidade / Irmãs Doroteias da
Frassinetti. – 2. ed. – Belo Horizonte : Colégio Santa
Dorotéia de Belo Horizonte/MG, 2016.
112 p.

1. Espiritualidade – Igreja Católica. 2. Paula Frassinetti.
3. Vida Cristã. I. Irmãs Doroteias da Frassinetti.

CDD – 248

Bibliotecária Responsável NIÚRA FERREIRA
CRB/6:2733

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DE SANTA DOROTEIA
PROVÍNCIA BRASIL-SUL
Casa Provincial
Rua Álvaro Neto, 395, Vila Mariana
04112-070 – São Paulo/SP